

MINISTÉRIO

Uma Revista para Pastores e Obreiros

ADVENTISTA

SET/OUT 82



NÚMERO 5



TEOLOGIA

O Lugar da Mulher
no Ministério

ÍNDICE

EDITORIAL

Carta Aberta a Deus **3**
Roberto Spangler

SAÚDE E RELIGIÃO

"Por Modo Assombrosamente Maravilhoso
me Formaste" **6**
Dra. Irma de Vyhmeister

O PASTOR

Ministério Profético **8**
Elbio Pereyra

O Pastor e Sua Espiritualidade **10**
Samuel Ramos

A ESPOSA DO PASTOR

Sendo Amigas **11**
Hattie Lee Rider

Não Estou Mais com Medo **12**
Lillian Knowles

OBRA PASTORAL

Partilhando o Ministério **14**
Harry Spaeth

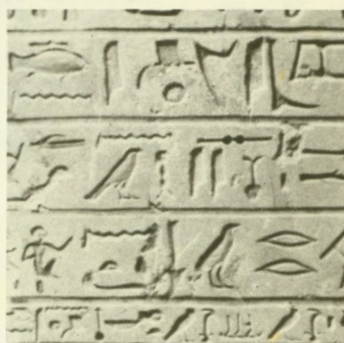
Como Tornar Interessante a Reunião Missionária **16**
Itanel Ferraz

TEOLOGIA

O Lugar da Mulher no Ministério **18**
Dr. Mário Veloso

ARQUEOLOGIA

A Medicina na Antiga Babilônia **21**
Dr. S. J. Schwantes



O MINISTÉRIO ADVENTISTA



ANO 48 - Nº 5 - SET/OUT 82

Gerente Geral:
Wilson Sarli

Redator-Chefe:
Rubens S. Lessa

Redator:
Naor G. Conrado

Diretor:
Arthur S. Valle
Colaborador Especial:

Daniel Belvedere
Colaboradores:
João Wolff

José C. Bessa
Alcides Campolongo
Pavel Moura

Direção de Arte:
Erlo G. Köhler
Rogério Sorvillo

Diagramação:
Eli Silveira Campos

Assinatura Anual:
Cr\$ 1.200,00
Avulso: Cr\$ 301,00

Esta revista acha-se
registrada na DCDP
do DPF sob
n.º 899 — P. 209/73

CAPA Rogério e Paulo

Todo artigo ou qualquer
correspondência
para a revista
O Ministério Adventista,
devem ser enviados para
o seguinte endereço:
Caixa Postal 07-1042
70000 - Brasília, DF



Editado
bimestralmente
pela Casa
Publicadora
Brasileira,
Av. Pereira Barreto, 42 —
09000 - Santo André,
São Paulo

CARTA ABERTA A DEUS

Querido Pai Celestial:

Como Tu sabes, o propósito de uma carta "aberta" é partilhar pensamentos não só com a Pessoa a quem a carta é dirigida, mas também com aqueles que *deveriam* lê-la. Naturalmente, no Teu caso, uma carta não é absolutamente necessária. Tu sabes, sem que eu escreva algo, quais são os meus sentimentos em relação ao plano de Mil Dias de Colheita. Tu sabes também que eu creio no corpo visível organizado que na Terra chamamos de Igreja Adventista do Sétimo Dia, e o apoio. Tu nos disseste que ela é o objeto na Terra de Tua suprema consideração, e estou certo de que é assim, a despeito de nossas deficiências para seguir explicitamente o Teu conselho. Portanto, embora eu às vezes pareça ser um tanto negativo nesta carta, Tu compreenderás que de maneira alguma tenho a intenção de demolir o corpo que Tu amas e pelo qual Teu Filho a Si mesmo Se deu, para consagrá-lo e purificá-lo, a fim de que fosse sem mancha, ruga ou defeito. Sei, porém, que alguns na Igreja ficarão desgostosos com algumas coisas que Te escrevo.

Estás ciente — é claro — da última resolução do Concílio Anual. Ela constitui outra tentativa para dar prioridade ao evangelismo, para colocar a autêntica conquista de almas no alto de nossas agendas não somente em todos os setores de nossos ministérios, mas também em nosso próprio dispêndio de dinheiro, tempo e energias.

Como Tu sabes, algumas de nossas Divisões mundiais estão tendo excelentes acréscimos no número de membros, em termos comparativos. É verdade que determinadas Divisões parecem estar num processo de retenção. No entanto, quando penso na vigorosa formação desta Igreja, durante o grande Movimento do Advento, e na maneira como ela penetrou e estabeleceu sua obra em mais países e culturas do que qualquer outra Igreja protestante, não posso deixar de imaginar o que poderia acontecer se realmente levássemos a sério os conceitos contidos no documento "Mil Dias de Colheita"!

Entretanto, não posso deixar também de perguntar a mim mesmo se este não será apenas outro documento que acabará encontrando um lugar de repouso nos sepulcros dos arquivistas. Talvez Tu queiras que ele vá parar ali! Mas, se compreendo corretamente Teu plano para esta Igreja, a conquista de almas (bem como sua nutrição espiritual) não constitui o principal objetivo (e talvez o *único* objetivo) que Tu nos deste? Libertar almas da cova de Satanás, dirigi-las da morte eterna para a vida eterna — não foi por isso que Teu Filho veio à Terra como criancinha, para viver conosco? Não foi por isso que Ele passou cerca de trinta anos levando uma vida perfeita e altruísta, e dedicou os últimos três anos e meio ao preparo de alguns humildes e indoutos para que pregassem as boas-novas da salvação provida por Ele? Não foi por isso que Ele selou Sua obra com Seu próprio sangue? Após a ressurreição, Teu Filho não retornou ao Céu onde Ele trabalha incessantemente no santuário celestial, Seu centro de operações, com a finalidade de salvar a humanidade perdida? Não é verdade, Pai, que a salvação de uma alma é a *única* ocorrência que faz com que todo o Céu se alegre, suscitando ao mesmo tempo grande intensidade de ódio no coração de Satanás?

Teu Filho, quando esteve aqui, nos disse claramente qual é a atitude de Satanás em relação a nós. Ele afirmou que o diabo não somente é mentiroso e o pai da mentira, mas homicida desde o princípio. E então fizeste com que Pedro o descrevesse como leão que procura devorar as pessoas. Não é isso que o grande adversário está fazendo constantemente?

Gosto da maneira como Teu Filho resumiu esse conflito: "O ladrão vem somente para roubar, matar, e destruir; Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância." S. João 10:10. O modo como Ele usou a palavra *somente* para descrever a obra do ladrão torna claro para mim que não podemos transigir com o diabo. E se realmente sei alguma coisa a respeito de Teu Filho, é que Ele está tão decidido a salvar as pessoas como o diabo para destruí-las. É uma peleja que irá até o fim, sem tréguas, interrupções, *détente* ou negociações.

(Continua na página 4)

Creio que conheces o fim desse o começo (embora alguns de nós estejam brincando com a idéia de que Tu realmente não sabes *tudo* e estás crescendo no Teu conhecimento como nós no nosso). Mas não possuo Teu conhecimento total, e tenho portanto algumas interrogações acerca da reação da Igreja aos "Mil Dias de Colheita". Encontramo-nos no meio de um combate de morte. Confesso que é difícil apontar o dedo para alguma atividade denominacional que possa ser classificada como inteiramente má. No entanto, se o assunto do grande conflito for o que eu penso que ele é, e se a comissão evangélica significa o que ela diz, não posso deixar de sentir que estamos envolvidos nalgumas atividades que não são de capital importância. Na realidade, são prejudiciais à arremetida evangelística da Igreja.

Por exemplo, pense na maneira como gastamos dinheiro, tempo e energia para erigir construções luxuosas. (Desculpa-me! Esqueci por um momento que estás muito melhor inteirado de todas essas coisas do que eu e que poderias dar-me exemplos com os quais eu nem sonhava!) Recordas, porém, como um dos pontos da resolução do Concílio Anual de 1976 "Evangelismo e a Conclusão da Obra de Deus" foi pôr limites aos projetos de construção? Uma declaração dizia especificamente: "Demonstremos a nosso povo e ao mundo que não cremos em construir extravagantemente, como se tencionássemos fazer deste mundo o nosso lar. Precisamos lembrar-nos de que a única coisa que sobreviverá à destruição dos últimos dias são as almas que se acham preparadas para a vinda do Senhor.... O único propósito dessa economia é proporcionar mais fundos à Igreja para serem usados em transmitir a última mensagem de advertência a toda nação, tribo, língua e povo."

Depois que foi tomada essa resolução, afigura-se-me que tem havido inaugurações de edifícios para escritórios, instituições e lugares de culto que poderiam ser considerados extravagantes e em desacordo com nossa pretensa prioridade à conquista de almas. E essa despesa está sendo efetuada numa época em que a economia mundial é tudo menos estável e parece caminhar para uma recessão.

Tu também estás plenamente ciente de quantos de nossos abnegados membros ficaram desiludi-

Oh! Quão necessária é uma mudança em nossos pensamentos!

dos por exagerados gastos com tijolos, argamassa, pedras e madeira. Seu coração anela ver a conclusão da obra e a volta de Teu Filho. Até há desalento entre algumas congregações que enfrentam desnecessariamente pesadas prestações mensais de dívidas de construção. Nós que pregamos princípios de mordomia a Teu povo, na tentativa de adestrá-lo na doação sistemática, não ousamos olvidar nossas próprias responsabilidades, como dirigentes, de pôr em prática verdadeiros princípios de mordomia no uso desses sagrados recursos dados com tanto sacrifício. Pai, Tu nos deste o maravilhoso conceito da relação entre o proprietário e o administrador para ilustrar Tua posição e a nossa. Penso às vezes que nós que somos dirigentes de Tua Igreja — Teus ministros — temos chegado a crer que *nós* somos ao mesmo tempo proprietários e administradores e que os membros de igreja devem meramente concordar com a nossa administração. De algum modo, lembra-nos que, como dirigentes, não devemos ceder à tentação de usurpar Teu lugar como Proprietário, frustrando assim Tua declarada missão para esta Igreja. As preciosas ovelhas que entregaste aos nossos cuidados como pastores devem ser capazes de ter a confiança de que os recursos que elas dão para esta Causa estão sendo manejados com grande cuidado e conservados com a finalidade de estender os limites de Teu reino por meio de todas as formas de evangelismo eficaz. Se pudéssemos saber, como Tu sabes, o dia exato da volta de Teu Filho, estou certo de que haveria uma mudança radical em todo o nosso programa financeiro. Haveríamos de sacrificar-nos e conservar os fundos como nunca dantes, com o único propósito de alcançar e salvar a humanidade perdida.

Há mais alguma coisa relacionada com esse plano da colheita, Pai. É muito mais do que uma ênfase numérica: é uma tentativa de concentrar nossa atenção no valor de uma alma. Se tão-somente pudéssemos ver o inapreciável valor

das pessoas como Tu o vês! Se tão-somente pudéssemos compreender a verdadeira razão por que Teu Filho Se tornou homem; por que Ele veio viver em nosso meio, andando entre aqueles cujo objetivo era destruí-Lo e que finalmente fizeram isso; por que Ele morreu na cruz; por que esse incomparável Jesus condescendeu em visitar nosso mundo perdido! Se tão-somente pudéssemos entender Sua verdadeira motivação! Certamente Ele não fez isso por edifícios, por posições denominacionais, por motivos políticos ou por poder e fama. Sua experiência humilhante só teve um propósito, pelo que diz respeito a nós pecadores presos à Terra: libertar-nos das garras de Satanás. Sei que Ele passou por isso para vindicar-Te perante o Universo; será, porém, que essa própria vindicação não consistiu em mostrar ao Universo que Teu caráter de amor não poderia estar à vontade enquanto o maior número possível de Teus filhos alienados não fosse reconciliado contigo, embora isso significasse a morte do próprio Jesus?

Esta prioridade da conquista de almas tem outra razão, Pai. Espera combinar a teologia com o evangelismo. Passamos bastante tempo debatendo e discutindo pontos doutrinários. Creio que é um mistério para Ti como alguns pastores e professores podem passar tanto tempo no púlpito e na sala de aula brincando com questões que enaltecem o próprio eu, quando os membros e alunos necessitam tão desesperadamente de um conhecimento de Cristo para sua própria salvação e para ser partilhado com os outros. Constitui um assombro para nós, e certamente também para Ti, que haja "adventistas amalequitadas" que usem seus talentos e tempo produzindo documentos que minam sutilmente as crenças e a missão desta Igreja, assim como a multidão mista enfraqueceu a Israel em sua marcha para Canaã. Oh! quão necessária é uma mudança radical em nosso pensamento! Uma radical reorganização de nossas prioridades! Se realmente pretendemos fazer da conquista de almas nossa principal tarefa, então terá de haver modificações drásticas em todos os níveis da organização da Igreja.

Tua intenção a nosso respeito (se interpreto corretamente Tuas revelações acerca de nosso estilo, alvos e objetivos de vida) é que os dirigentes de igreja se desvenci-

lhem a todo custo das numerosas demandas sobre o seu tempo e energia que não contribuem realmente para a salvação de almas. Neste sentido, Teu Filho deu-nos um exemplo quando Lhe pediram que resolvesse uma disputa relacionada com uma herança. Ele replicou: "Homem, quem Me constituiu juiz ou partidor entre vós?" S. Luc. 12:14.

Encarar com seriedade Teu desígnio para nós significaria uma modificação em nossos sistemas educacional e de cuidado da saúde. Envolveria importantes alterações em nosso preparo de pastores. Quanto a este ponto, Pai, há algum modo — uma revelação especial, uma visão, um mensageiro angélico, etc. — de apelares para a liderança desta Igreja, a fim de que prepare ministros assim como Jesus os preparou? Durante três anos e meio o maior Mestre que o mundo já conheceu adestrou Seus discípulos para o serviço por contato pessoal, associação e exemplo. Esses seminaristas originais andavam e falavam com Ele. Ouviam Suas palavras de ânimo e encorajamento aos cansados e sobrecarregados. Viam a manifestação de Seu poder em prol dos doentes e moribundos. Em Sua sala de aula na encosta da montanha, ao lado do mar ou andando pelos campos, Ele lhes revelava os mistérios do reino de Deus. Viajavam com Ele de cidade a cidade, observando atentamente como desdobrava as verdades do caminho da salvação a almas desalentadas que tinham perdido toda a esperança. Poderia ter-lhes revelado extraordinárias filosofias, conceitos e idéias. Poderia havê-los inundado com um caudal de conhecimento, porém só lhes comunicou o que podiam usar em conduzir pessoas ao reino. Em cada uma de suas viagens, podiam ver como Ele falava com as pessoas, quer em ruas apinhadas, desertos isolados, à beira de lagos ou na encosta de montanhas. Participavam de Sua alimentação frugal, e, como Ele, às vezes ficavam com fome e, amiúde, cansados.

Que mudança radical haveria na Igreja, Pai, se pudessemos adestrar homens com esse tipo de instrução prática! É verdade que temos um pequeno instituto de conquista de almas em Chicago, o qual procura unir o preparo prático ao teórico, mas ele está enfrentando dificuldades. Convém que eu seja sincero, Pai: alguns entre nós não têm entusiasmo algum pelo instituto de conquista

Como gastamos dinheiro para erigir construções luxuosas!

de almas. Mas o que importa é o seguinte: Teu Filho deu-nos valiosíssimo exemplo do que deve constituir a nossa prioridade.

Preciso terminar esta carta. Pretendo escrever-Te novamente no futuro. Mas tenho de acrescentar mais um ou dois pensamentos. Este plano de "Mil Dias de Colheita" traz em sua introdução um conceito muito importante: a renovação espiritual de nossa vida como dirigentes. Não poderá haver conclusão de Tua obra, nem se pode dar prioridade ao evangelismo sem que haja ao mesmo tempo essa renovação espiritual. Teu Filho prometeu que o Espírito Santo seria derramado de maneira especial sobre os Seus seguidores. Isso ocorreu inicialmente na igreja primitiva, dando-lhe um tremendo impulso. Os discípulos ficaram tão cheios de amor por Teu Filho e por aqueles pelos quais Ele morreu, que a influência do Espírito converteu milhares de almas enquanto eles pregavam e oravam. Que regozijo deve ter havido nas cortes celestiais quando Teus seguidores, cheios do Espírito Santo, manifestaram tal amor uns pelos outros e pela humanidade perdida! Os discípulos de Teu Filho, como realizadores de Sua vontade, transmitiram ao mundo os tesouros da vida eterna. Eles interpretaram literalmente a majestosa incumbência missionária de ir ao mundo com o evangelho.

Tu deste a esta Igreja a mesma ordem sob a configuração das três mensagens angélicas. Devemos pregar esse mesmo evangelho a toda nação, tribo, língua e povo. Isto significa que não devemos esperar que as pessoas venham a nós, mas dirigir-nos a elas com Tua gloriosa verdade.

Finalmente, Pai, não quero dar a impressão de que penso sermos capazes de sair e levar a mensagem final do evangelho ao mundo separadamente de Ti e do poder do Espírito Santo. Nenhum argumento, por mais lógico e irrefutável que seja, enternecerá um coração ou romperá a dureza do mundanismo e da rebelião. Somente o Espírito Santo pode tor-

nar nossos lábios eloqüentes para salvar. Somente o vivo conhecimento de Teu Filho tornará eficaz o nosso testemunho. Toda palavra e ação deve firmar a atenção no todo-poderoso nome de Teu Filho, Jesus Cristo. Só Ele possui aquele poder vital por meio do qual os pecadores podem ser salvos. Seu nome deve ser nossa senha, nosso sinal de distinção, nosso laço de união, a autoridade para nosso procedimento e a força de nosso êxito. Não devemos reconhecer coisa alguma que não leve o Seu nome.

Seria muito dramático e maravilhoso se nos acontecesse hoje a mesma coisa que ocorreu com os discípulos quando, após o Pentecostes, eles resolveram fazer tudo que fosse possível para confessar audazmente a Teu Filho perante o mundo. Pai, ajuda-nos, se puderes fazê-lo, do mesmo modo que eles oraram durante o Pentecostes. Ajuda-nos a manifestar o mesmo e ardente desejo de aptidão para enfrentar os homens, e de habilidade e sensibilidade para proferir palavras que os conduzam a Cristo. Quando leio algo sobre sua experiência, meu coração é levado a implorar que Teu Filho nos conceda uma unção especial para realizar a obra de salvar almas. Estamos tão assoberbados com pormenores, planos, promoções, comissões, projetos e reuniões administrativas, que quase não temos tempo para ocupar-nos com a salvação de almas! Além disso, muitos de nós estão gastando tanto tempo com esportes, TV, entretenimentos, recreação ou percorrendo o mundo, vendo isto e aquilo, que não estamos realmente fazendo a obra que Tu queres que façamos.

Espero que nossos "Mil Dias de Colheita" efetuem algo por esta Igreja que nos ajude a concentrar a atenção na tarefa que Tu, evidentemente, consideras mais importante do que qualquer outra coisa — a salvação de almas.

Apreciei esta oportunidade para escrever-Te. Desejo agradecer-Te toda a correspondência que me enviaste por meio das Escrituras e das páginas do Espírito de Profecia. Só posso louvar o Teu nome por Tua bondade e Teu poder, e dizer que, junto com meus colegas no ministério, espero atender de maneira positiva ao Teu apelo para sair, buscar os perdidos e conduzi-los de volta ao Teu aprisco.

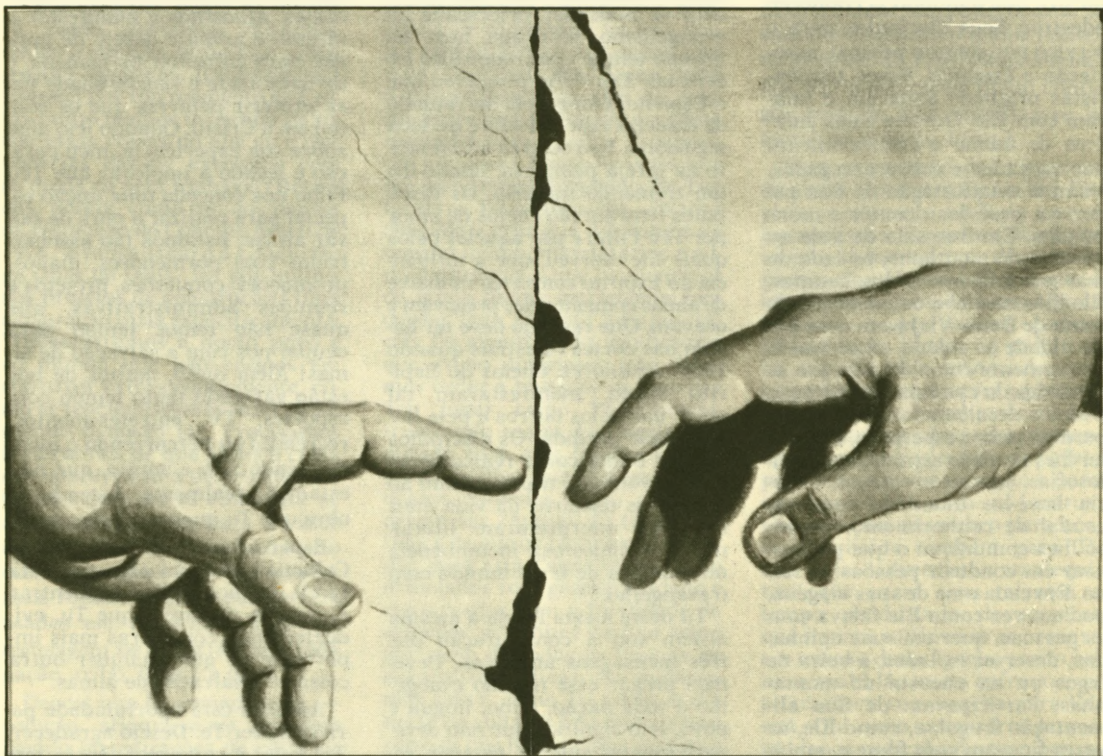
Teu servo indigno e submisso,

Roberto Spangler

“Por Modo Assombrosamente Maravilhoso me Formaste”

DRA. IRMA DE VYHMEISTER

Foi professora na Escola de Saúde da Universidade de Loma Linda e atualmente está no Departamento de Saúde da Associação Geral



Perfeito em seus detalhes anatómicos e funcionais, surgiu das mãos do Criador o homem, a obra culminante da criação. Deus escolheu o pó da terra como base para esculpir o corpo humano, e depois o fôlego de vida de Deus transformou esse corpo em alma vivente.¹

Ao considerar o mistério da

criação humana, o salmista exclama: “Por modo assombrosamente maravilhoso me formaste;... e a minha alma o sabe muito bem.”² A singela explicação bíblica contrasta com a complexidade da sabedoria encerrada no corpo humano. Deus mesmo escreveu Sua lei em cada nervo, músculo e órgão. E nos arcanos da vida, a

mente do homem não pode penetrar.

Ficamos assombrados com a perfeição do mecanismo da visão ou da audição. Ficamos surpresos com o desdobrar dos alimentos em substâncias absorvíveis que depois penetram na corrente sanguínea para alimentar as células. Ficamos admirados do traba-

lho do sistema nervoso que nos permite a comunicação com os outros, com nosso Criador e com nossos próprios sentidos.

E Deus Se compromete a manter esta máquina maravilhosa funcionando adequadamente, com uma condição: "Que o instrumento humano obedeça a Suas leis e coopere com Ele."³

Numa visão de 45 minutos — a primeira de várias — Ellen G. White recebeu em 1863 as normas da filosofia do viver saudável para a Igreja. Esta visão abrange não somente a saúde física, mas também a saúde mental e espiritual, a alimentação e seu papel na saúde, e os remédios naturais que constituem a base da medicina preventiva.⁴

Como o Israel de tempos passados, a Igreja Adventista seria uma testemunha às nações da eficácia do amor e do cuidado de Deus, ao seguir um estilo de vida consistente.

Estas instruções tiveram assombroso impacto na vida e saúde do povo adventista. Por conseguinte, as razões pelas quais seguimos essa reforma da saúde devem tocar todas as bases de nossa vida. Estudemos algumas destas razões:

1. *O povo adventista deve ter uma definição do que é saúde, que seja ampla e compreensível.*

A saúde não somente significa um corpo são sem os sintomas de enfermidade, mas também o bem-estar completo do homem em seus aspectos físicos, mentais, sociais e espirituais. Esta definição coincide com o conceito expresso pela Organização Mundial da Saúde.⁵ Tal definição serviria para delinear a relação do homem para consigo mesmo (aspectos físico e mental), para com seus semelhantes com os quais trabalha, vive e se associa (aspecto social) e sua relação para com Deus (aspecto espiritual). A filosofia humana tem diversos conceitos para definir alma e espírito. Nossa conotação é bíblica.

2. *O povo adventista deve ter um amplo conceito do que é a natureza do homem.*

Do pó da terra, estruturado pela mão de Deus, emerge o corpo humano. O sopro de vida divino alentado em suas narinas transforma-o em alma vivente. Sua origem é ao mesmo tempo terrenal e divina.

Paulo diz que nosso "corpo é o templo do Espírito Santo".⁶ Este

novo conceito denota que nosso corpo é sagrado, que não deve ser contaminado nem destruído e que merece respeito e cuidado especial. E o apóstolo acrescenta que este corpo não é nosso e só o temos durante os breves anos em que peregrinamos na Terra. Fomos "comprados por preço"⁷ e somos propriedade de Deus. Quando morremos, o espírito volta a Deus, que o deu, e o corpo volta à terra, da qual foi formado.⁸

É por isso que o ensino para o povo adventista considera relevante abster-se de tudo que pode prejudicar o homem. Este ensino deve ser partilhado com os outros. O desejo de Deus é que tenhamos saúde. Ao compreender a verdadeira natureza do ser humano como templo e como propriedade de Deus, o homem não procurará destruir o que não é seu.

3. *Compreender a relação do homem consigo mesmo:* "Nosso primeiro dever para com Deus e nossos semelhantes é o do desenvolvimento próprio." ⁹ Este desenvolvimento harmonioso abrange todas as faculdades que lhe têm sido dadas. O desenvolvimento da mente e do corpo e também o convívio com os outros fazem parte do quadro da saúde.

A formação de bons hábitos de saúde bem cedo na vida produzirá dividendos em todas as idades. Se forem seguidas normas consistentes, a saúde será um tesouro e "de todas as posses temporais a mais preciosa".¹⁰

Vivemos só uma vez neste mundo. Portanto, a oportunidade de crescimento e desenvolvimento diário está em nossas mãos.

4. *Compreender a relação do homem com seus semelhantes:* A Igreja Adventista recebeu a incumbência de levar adiante o evangelho da salvação. Foi-lhe dada a filosofia do viver saudável. Sanar o corpo, a mente e o espírito é o encargo sob o qual o povo adventista partilha suas bênçãos. Têm-se edificado clínicas, sanatórios e hospitais para a recuperação da saúde, mas cada igreja deve ter um programa de saúde para facilitar o ensino destes princípios.

O ministério da saúde é um campo aberto para todos os membros, visitas, amigos e simpatizantes, enfim para todos os que integram a comunidade que rodeia a igreja.

Hoje a Igreja Adventista é uma testemunha à comunidade local e mundial para mostrar a eficácia da filosofia do viver saudável. Foi

constatado que os adventistas têm menor risco de contrair enfermidades agudas e crônicas e menos morbidade depois de praticar a reforma pró-saúde durante cem anos.¹¹

5. *Compreender a relação do homem com Deus.* Formados por Sua mão e comprados por preço, os seres humanos são co-herdeiros com Cristo e filhos de Deus. Ele é nosso Pai e vivemos em Sua esfera como uma grande família. O Pai educa Seus filhos de um modo que às vezes é doloroso. Mas esse coração carnal modificado, do filho, refletirá para os outros a tolerância, o amor, a abnegação pessoal e a compreensão do Pai. Deus nos insta a abrir o coração a Ele como a um pai. Nossa lealdade e amor a Deus se refletem em nossos atos diários.

6. *Efetuar a preparação para a vida presente e para a vida futura.* Apegados à mão de Deus, avançamos passo a passo em nossa vida. Os conflitos, quer sejam sociais, mentais ou espirituais, são resolvidos aos pés de Jesus. Individualmente e como parte do povo escolhido, avançamos para nosso destino celestial, forjando nosso caráter, o qual será a única coisa que levaremos para o Céu.

As pegadas que deixamos na Terra revelam a eficácia da lei moral e física que nos guia através de conflitos e tentações, para que sejamos vencedores. É por isso que Deus legou a Seu povo uma filosofia para levar uma vida mais feliz, mais saudável e abundante.

"Por modo assombrosamente maravilhoso me formaste" declarou o salmista. Cada membro da Igreja deve compreender isto. Somente com saúde do corpo, alma e espírito, poderá a Igreja cumprir o sagrado encargo que lhe foi dado, terminando cabalmente sua missão evangélica. ■■

Referências

1. Gênesis 2:7.
2. Salmo 139:14.
3. *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, pág. 17.
4. *Idem*, pág. 481.
5. Constitution of the World Health Organization, *Journal of the American Dietetic Association*, vol. 23:85, fevereiro de 1947.
6. I Coríntios 6:19.
7. I Coríntios 6:20.
8. Eclesiastes 12:7.
9. *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, pág. 15.
10. *Idem*, pág. 20.
11. *International Health Study*, Universidade de Loma Linda, Califórnia 92354.

MINISTÉRIO PROFÉTICO

ELBIO PEREYRA

Secretário Associado do Patrimônio Literário de Ellen G. White

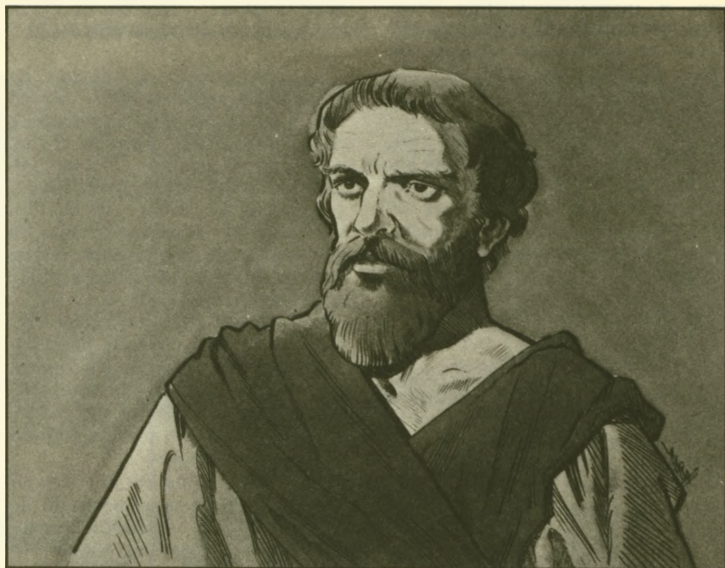
É um fato curioso que nos dias de Israel, embora o próprio profeta geralmente pudesse ser rejeitado pelo povo, eles comumente prestavam atenção toda vez que ele proclamava de viva voz ou por escrito: "Assim diz o Senhor." Nem sempre aceitavam a mensagem do profeta nem agiam de acordo com ela, mas ouviam-na com muito respeito porque acreditavam que Deus estava se comunicando com eles por meio das palavras do profeta. O cargo e o ministério de um genuíno profeta se achavam revestidos de autoridade e prendiam a atenção.

Para ser, porém, verdadeiro profeta, o indivíduo necessitava de algo mais do que mera confiança de que Deus o havia chamado. A genuinidade de semelhante ministério profético era revelada não somente em sua proclamação da mensagem de Deus, mas em toda atividade de sua vida diária como instrumento de Deus. A mesma coisa é verdade dos pregadores da Palavra de Deus hoje em dia. Pois há um sentido em que o ministro evangélico contemporâneo pode ter um ministério profético — o tipo de chamado que caracterizava os profetas bíblicos, especialmente os que eram reformadores.

Os seguintes são alguns dos característicos de um verdadeiro profeta que tornavam seu ministério mais eficiente, prendiam a atenção e irradiavam autoridade, e que, apropriadamente incorporados em nosso ministério, podem realizar por nós uma obra semelhante.

Instrumento do Espírito Santo

Nos tempos bíblicos acreditava-se comumente que nin-



O profeta Jeremias.

guém — nem mesmo o próprio instrumento — tinha o direito ou a autoridade de combater a mensagem daquele sobre o qual "desceia" ou "baixava" o Espírito Santo. Jonas, por exemplo, "fugiu" do Senhor, mas acabou cumprindo sua incumbência. Quando Elias, seguindo seus próprios impulsos, fugiu de Jezabel, parecia que ele também fugira do Senhor, mas o anjo de Deus alcançou-o. Semelhantemente, quando Jeremias resolveu livrar-se do manto profético, não conseguiu fazê-lo, pois a palavra do Senhor foi "como fogo ardente, encerrado nos [seus] ossos" (Jer. 20:9). Assim também, Paulo exclamou: "Ai de mim se não pregar o evangelho!" Vemos, portanto, que quando o Espírito de Deus se apodera de

um profeta, sua mensagem transborda num caudal irreprimível, sem levar em conta os desejos pessoais do próprio profeta ou da pessoa a quem sua mensagem é dirigida.

Reformador Cheio do Espírito

O profeta reformador procura reprimir tanto os abusos políticos como religiosos do povo e seus dirigentes. Sob a orientação de uma consciência esclarecida, ele desprezava deliberadamente tradições e costumes estabelecidos quando isso se tornava necessário para obedecer ao Autor de sua mensagem e vocação. Ele era intransigente; não era um conformista. Persistia na reforma enquanto a vontade de seu Mestre

era clara para ele. O senso da orientação divina transmitia confiança; nele não havia hesitação; ele não vacilava. E esses características em geral eram reconhecidos pelas pessoas como prova de seu chamado divino.

Alguns talvez tenham a impressão de que o profeta era um individualista egocêntrico, mas detrás das aparências havia circunstâncias que requeriam que ele defendesse sozinho o que era correto, se fosse necessário. Era um individualista para Deus, inflamado com um fogo interior aceso pelo Espírito Santo. Sentia-se compelido a pregar a mensagem de Deus, quer na rua, na praça do mercado, em edifícios públicos ou a indivíduos a quem era enviado. Unicamente procedendo assim podia encontrar paz e ter a sensação de haver cumprido sua missão. Só então podia parar a proclamação e voltar tranqüilamente para seu lar.

Chamado por Deus

A obra do profeta bíblico não era herdada, como sucedia com o sacerdócio aarônico. Não havia "casta profética" comparável à sacerdotal que existia nos dias de Israel. De modo similar, hoje não há tal coisa como "casta" pastoral, ministerial ou de pregadores. Pode ser uma honra que o filho de um pastor siga os passos do pai, mas o filho não é obrigado a fazê-lo. Quando Whitefield foi ridicularizado por não pertencer à "sucessão apostólica", ele replicou: "Minha poderosa" ordenação provém das traspassadas mãos do Senhor." Foi dito de Jesus Cristo que Ele foi constituído ministro, e Paulo declara ter sido posto no ministério pela vontade de Deus (ver Heb. 8:2; Rom. 15:8; Atos 26:16; Efés. 3:7; Col. 1:23 e 25). Esta distinção parece ter sido ignorada por alguns ministros cristãos. Eles "tornaram-se ministros" por longos anos de estudo e investindo tudo que tinham nesse empenho. Mas passam por alto o fato de que não podem ser constituídos ministros por pessoa alguma, a não ser o próprio Deus.

Podemos declarar humilde, mas confiadamente e sem presunção, que realmente fomos chamados e constituídos ministros? Temos de enfrentar esta questão, pois nosso tempo requer ministros e pregadores assim constituídos por Deus e não pelo homem, como acontecia com os profetas da antiguidade. Tom Skinner, em seu livro, *Words of Revolution*, disse que uma das

coisas mais deploráveis da religião neste século é haver tantos líderes religiosos que nunca foram realmente chamados por Deus (ver pag. 255).

Incondicionalmente nas Mãos de Deus

O verdadeiro profeta era portavoza de Deus. Interesses pessoais ou públicos não o intimidavam em sua missão. Se aquele a quem era dirigida sua mensagem não estava em harmonia com a vontade de Deus (quer fosse o sumo sacerdote ou um mestre do povo), essa pessoa de maneira alguma podia influenciar o servo de Deus. Todo o ser do profeta estava sujeito a Deus e Sua causa. Ele transmitia uma revelação que, embora fosse mal interpretada, às vezes era desprezada por homens inteligentes e instruídos que careciam de uma consciência esclarecida. Como reformador, a obra do profeta era alterar o estado normal de certas coisas e dirigi-las da maneira desejada por Deus.

O profeta era um dedicado seguidor de Deus e Sua santa lei. Para ele, a Causa de Deus era suprema e fazia dele o servo, não somente de Deus mas também do povo do concerto. Este senso de responsabilidade divina freqüentemente envolvia perseguições, ameaças de morte e até perda de vida. Ele era um firme atalaia de Deus e intransigente mordomo daquilo que lhe fora confiado. Firmado na lei de Deus, na justiça, na equidade e na verdade, recusava diluir sua mensagem com ambigüidades, formalismo, lisonja, concessões, prêmios ou presentes.

Sua convicção de que estava incondicionalmente nas mãos de Deus tornava-o audaz e destemido, e até ousado. Na realidade, sua vocação requeria tal espécie de estabilidade e determinação, pois Deus mesmo é assim, e ele representava a Deus por suas atitudes e ações. Não adulava reis ou príncipes.

Jamais explorava as pessoas, nem fazia uso de demagogia, pois não procurava votos nem precisava deles para reter seu cargo. Recebia de Deus tudo que necessitava. Às vezes permanecia sozinho, como Elias, embora uma minoria comumente recebesse sua mensagem e renovasse sua lealdade a Deus. Ser profeta raramente era popular, pois o profeta devia falar com franqueza. Ele não era um homem procurado, mesmo nos círculos da igreja.

As crises pareciam atraí-lo como o ferro é atraído pelo imã. A mensagem de Deus fazia com que se sentisse intranqüilo, com santo descontentamento. Por vezes, quando sua missão se opunha à conduta de dirigentes que labutavam em erro, ele provocava conflitos. Noutras ocasiões, lançava-se tempestuosamente nas situações com uma enérgica exortação nos lábios ou com alguma boa notícia para infundir esperança. Mas, sempre era leal a Deus, à justiça, à verdade e à causa dos inocentes.

Frugal, Austero e Modesto

Embora os profetas, em geral, não pertencessem à ordem sacerdotal, alguns reuniam em si mesmos as funções de sacerdote e profeta, como por exemplo Jeremias e Ezequiel. Os sacerdotes tinham a tendência de ser tradicionalistas, ao passo que os profetas propendiam para ser ativistas. Os sacerdotes eram formalistas, ligados à monotonia cerimonial; os profetas eram inovadores que afastavam o povo do *status quo*. Os primeiros eram identificados por um uniforme, os últimos por uma vestimenta que parecia censurar a opulência e o comodismo.

A Solução

O ministério evangélico, hoje em dia, necessita do espírito, da orientação, do estilo, da forma e do conteúdo que caracterizam os profetas reformadores da antiguidade. O ministério desses reformadores e seus característicos distintivos assemelhavam-se aos daquele Profeta, semelhante a Moisés, que haveria de levantar-Se — Jesus Cristo, nosso divino Senhor. O "Espírito de Cristo, que neles estava", possibilitava que esses homens do ministério profético reproduzissem Aquele a quem representavam — o Profeta dos profetas.

Se nós pregadores permitirmos hoje que esse Espírito opere em nós, manifestaremos o Salvador em nosso ministério. A hora em que a Igreja de Deus se encontra presentemente requer que demos prioridade aos característicos do ministério profético em nossa vida. A habilitação divina para sua realização não será adiada se forem cumpridas as condições.

Unicamente quando os seus ministros manifestarem as qualidades do ministério profético a Igreja conseguirá revelar a glória de Deus que deve iluminar toda a Terra. ■■

O Pastor e Sua Espiritualidade

SAMUEL RAMOS

Distrital da Igreja do Portão, Curitiba, Paraná

Como servos de Deus devemos aprender que a única maneira de promovermos os fins mais elevados do ministério é começá-los em nós mesmos. De fato, confessamos que os melhores entre nós, em geral, são mais espirituais no púlpito do que no lar.

Freqüentemente descobrimos que é mais fácil pregar contra os pecados dos outros do que mortificá-los em nosso próprio coração, mas não podemos viver espiritualmente só por alimentarmos outras pessoas. É impossível curar a nós mesmos simplesmente por curar o povo.

Nosso primeiro e mais importante dever é cuidar da santificação de nossa própria alma.

Conforme a Bíblia, o ministro deve ser um "HOMEM DE DEUS" (I Tim. 6:11). Ele deve pregar a si mesmo todos os sermões antes de pregá-los ao povo; deve orar por si mesmo, antes de orar pelo povo; necessita revestir-se "de toda a armadura de Deus", para ser fortalecido "no Senhor e na força do Seu poder" (Efés. 6:10 e 11). O mais sério empecilho para um ministério eficaz é a falta de uma experiência religiosa pessoal.

O orador romano, Cícero, certa vez observou que homem algum pode ser verdadeiramente eloquente num assunto a respeito do qual nada conhece.

Do mesmo modo, nenhum pastor ou membro da igreja pode responder à pergunta: "QUE DEVO FAZER PARA SER SALVO?", se ele próprio está entre os perdidos. Preparo teológico nunca em si fornecerá a resposta. Quantidade de alguma de filosofia pode resolver este problema.

Na maioria de suas epístolas, o apóstolo Paulo usou o termo "EVANGELHO" (Rom. 2:16;

16:25). Isso mostra que ele estava perfeitamente identificado com a mensagem de salvação que ele pregava. Proclamou: "Eu cri, por isso é que falei, também nós cremos, por isso também falamos." II Cor. 4:13.

Como "HOMENS DE DEUS" necessitamos reconhecer diariamente nossas fraquezas, como Martinho Lutero confessou uma vez: "*Eu tenho mais medo do meu coração do que do papa e todos os seus cardeais.*"

Que tragédia é, para o cristão, correr a corrida cristã com os pés pesados; pregar um Deus desconhecido, um Cristo desconhecido e um desconhecido estado de santidade! Quão triste é para as ovelhas estarem salvas no aprisco enquanto o seu pastor está perdido!

O lamento de Cantares 1:6 explica isto: "... e me puseram por guarda de vinhas; a vinha, porém, que me pertence não a guardei."

Como os troianos, muitos cristãos se enganam pensando que os seus inimigos estão fora, quando na verdade estão dentro. *Nossa maior preocupação não deve ser com os de fora, mas com o pecado que vive dentro do nosso coração!*

Precisamos hoje de menos sermões teóricos, construídos com palavras agradáveis; necessitamos de sermões sobre Jesus Cristo e também mais, muito mais CRISTIANISMO PRÁTICO. Como o famoso pregador Charles Kingsley costumava dizer no início de um sermão: "Aqui estamos novamente para conversar acerca daquilo que realmente está acontecendo na vossa e minha alma."

Há alguns anos, dois estudantes americanos, Ernst Troeltsch e Max Weber, fizeram um estudo sociológico das igrejas. Descobri-

ram que todos os movimentos religiosos passam por três fases distintas:

1. A primeira fase chamaram de "SEITA" — surge como um protesto contra a frouxidão espiritual e moral.

2. Ao segundo estágio chamaram "DENOMINAÇÃO" — onde existe menos protesto e a consciência de crescente popularidade.

3. O último estágio desta metamorfose foi chamado de "IGREJA". Por tal termo entende-se uma instituição financeiramente próspera, cujos interesses exigem a manutenção do "status".

Tal evolução aplica-se à igreja primitiva e a todas as igrejas da Reforma protestante; e nós, como movimento adventista, onde ficamos? Raras vezes um movimento religioso é válido por mais de uma geração. Pouco freqüentemente a segunda geração mantém rigorosamente as condições da primeira geração.

Por que é assim? É porque a segunda geração cresce com orgulho pela igreja organizada por seus pais, fundada pelos pioneiros. Constroem-se até mesmo monumentos a eles; livros são escritos exaltando-os, quando pouco se vê da fé e da experiência religiosa que estes homens tiveram.

Geralmente a segunda geração torna-se mais casada com a IGREJA do que com JESUS CRISTO. No seu livro *Beyond Ourselves*, páginas 47 e 48, Catherine Marshall conta que certo pastor na África do Sul procurou por longos anos o verdadeiro significado do cristianismo, mas sem êxito. Finalmente, certa noite acordou com uma voz misteriosa em seu ouvido: "*Deus não tem neto.*" Outra vez a voz: "*Deus não tem neto algum.*" Saindo da cama, pegou a

SENDO AMIGAS

HATTIE LEE RIDER

Esposa do Presidente da Associação
de Oklahoma da IASD.

As esposas de anciãos, bem como as esposas de pastores, necessitam de animação e arrimo. A singular relação entre elas provê maravilhosa oportunidade para mútua bênção e benefício.


sua concordância bíblica e procurou a palavra "neto", mas não achou. Havia, porém, muitas ocorrências da palavra filho. "Ve-de que grande amor nos tem concedido o Pai, ao ponto de sermos chamados filhos de Deus." I S. João 3:1. "A todos quantos O receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus." S. João 1:12. "Pois todos os que são guiados pelo ESPÍRITO DE DEUS são FILHOS DE DEUS." Rom. 8:14.

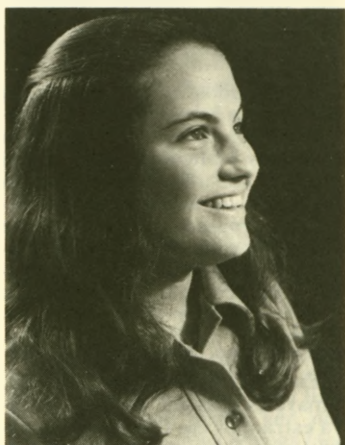
Mas não achou ocorrência alguma da palavra NETO. Então entendeu: "Não existe tal coisa como 'experiência cristã herdada'".

Não podemos crescer espiritualmente apenas por tomar como exemplo a fé dos pioneiros. Uma experiência cristã de segunda mão não tem valor. Todos nós, individual, pessoal e vitalmente, devemos ter nossa experiência diária com Deus. "O mundo necessita de ver nos cristãos uma evidência do poder do cristianismo." — *Obreiros Evangélicos*, pág. 29. "Aonde quer que formos, devemos levar conosco Jesus, e revelar a outros quão precioso é nosso Salvador." — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 108.

Precisamos ser os líderes do rebanho nesse processo de revelar Jesus ao mundo. A Bíblia diz em S. João 10:4: "[O pastor] vai adiante delas, e elas o seguem porque lhe reconhecem a voz." A água nunca sobe acima da caixa d'água. A igreja nunca superará a espiritualidade de seu pastor.

Não podemos pregar, efetivamente, o reino da glória de Deus, a não ser que o Seu reino da graça já se tenha tornado realidade em nosso coração. Não podemos convidar outros a serem santos, quando nós mesmos nunca visitamos o MONTE DA TRANSFIGURAÇÃO. Precisamos viver o que pregamos, para que o que pregamos possa viver naqueles a quem pregamos. "O mundo necessita atualmente daquilo que tem sido necessário já há mil e novecentos anos: a revelação de Cristo." — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 143. (Grifo acrescentado.)

Posso eu, e podeis vós outros mostrá-lo ao mundo? "Cristo pousa para ser reproduzido em cada um dos Seus discípulos." Mas precisamos ter tempo, fabricar tempo para a contemplação de Cristo. Contemplando-O seremos transformados à Sua imagem, ao ponto de podermos dizer ao nosso rebanho, como o apóstolo Paulo disse: "Sede meus imitadores como eu sou de Cristo." I Cor. 11:1. 



Arquivo Casa

"Sede amigas da esposa de vosso pastor."

Este comovente e amoroso conselho foi dado pela esposa de um ancião de igreja local ao falar a um grupo de senhoras que eram, como ela mesma, esposas de anciãos locais. "Pode ser que a esposa de vosso pastor às vezes se sinta muito solitária — continuou ela — por julgar amiúde que deve relacionar-se do mesmo modo com todos os membros de igreja, não formando amizades especiais com determinada família. E devido à relação do pastor com os anciãos de sua igreja, vós como esposas de anciãos, podeis ser um estímulo e uma bênção para a esposa do pastor — tanto sentido espiritual como no sentido espiritual como no sentido social."

Várias senhoras que eram esposas de anciãos há muitos anos haviam sido reunidas para expressar suas idéias sobre a parte desempenhada por elas, na tentativa de ajudar e estimular as senhoras que eram novas como esposas de anciãos, especialmente as mais jovens.

Toda esposa, sem exceção, sabia que a relação pessoal com

Cristo era o primeiro requisito para cumprir com êxito o papel de esposa de ancião. A família do ancião é considerada como líder espiritual na igreja, e isto só pode tornar-se uma realidade se for passado tempo em oração e estudo numa base individual bem como numa base familiar. Nossas igrejas estão em boas mãos quando as esposas de anciãos compreendem sua necessidade e diariamente buscam força espiritual do Senhor para ajudá-las a cumprir a sagrada responsabilidade que recai sobre elas. Como devemos ser gratos por nossos dedicados anciãos e suas famílias! Nossas igrejas teriam dificuldade para progredir sem eles.

O admirável desejo de ser amiga da esposa de seu pastor, expresso por essa esposa de ancião, fez com que eu perguntasse a mim mesma se nós, como esposas de pastores, estamos permitindo e incentivando a existência de semelhante relação. As esposas de anciãos, bem como as esposas de pastores, necessitam de animação e arrimo, e será que a singular relação entre elas não provê maravilhosa oportunidade para mútua bênção e benefício? Também perguntei a mim mesma se algumas esposas de anciãos não estão se debatendo em suas funções por não compreenderem o que se espera delas nem a tremenda oportunidade e responsabilidade que recai sobre os seus ombros. E que dizer das jovens senhoras cujos maridos foram escolhidos como anciãos há pouco tempo? Como e onde irão começar? Vós esposas de pastores podeis ser sua fonte de orientação e incentivo.

O papel das esposas de anciãos, segundo é descrito nas seguintes observações feitas pelas próprias esposas de anciãos, pode ser útil para estabelecerdes laços de mútua amizade em vossa igreja:

1. Mantende íntima relação pessoal com o Senhor. Nada pode tomar o lugar desta experiência.

2. Amai todo membro de igreja, todo visitante, toda pessoa em vossa comunidade. Isto é possível quando cada indivíduo é encarado sob o compassivo olhar de Cristo.

3. Mantende uma atitude positiva para com todos os aspectos do programa da igreja. Isto é vital, pois a liderança pela atitude e pelo exemplo é deveras eficaz.

4. Apoiar o pastor e sua esposa. Se alguma coisa precisa ser corrigida, procurai falar com eles em particular.

5. Participai ativamente (isto nem sempre significa necessariamente tomar a dianteira) em tais atividades gerais da igreja como o culto de oração, os serviços em prol da comunidade, manifestações de apreço por recém-casados e recém-nascidos, Recolta e outros tipos de programas de testemunho.

6. Visitai, visitai, visitai! Isto abrange os membros da igreja em geral, os membros que têm problemas, os membros que não assistem regularmente aos cultos, os membros que estão doentes e retidos em casa, os membros recém-batizados e os recém-chegados.

7. Cumprimentai os visitantes à igreja da maneira mais cordial possível; procurai ir ter com eles e dai-lhes tão bom acolhimento que sejam "compelidos" a voltar.

8. Franqueai vosso lar para convidados às refeições: "o estrangeiro em vosso meio", a família da igreja que necessita de estímulo especial, o orador visitante.

9. Recortai idéias de sermões, poesias, histórias, etc., para vosso esposo se ele aceita convites para falar em público (como é o caso da maioria dos anciãos) e criticai-o com bondade e amor, mas só quando isto se tornar necessário.

10. Sede um testemunho e exemplo cristão de polidez nas maneiras e no vestuário (isto abrange toda a família).

Em suma, estai alerta e dispostos a fazer o que for necessário, quer seja limpar a igreja, apresentar o apelo das Missões ou das Missões ou orar pelos doentes. A ação só pode seguir-se à boa vontade, e esta segue-se à completa entrega a Cristo em todo sentido que Ele indicar.

Sede amigas das esposas dos anciãos de vossa igreja! E elas serão vossas amigas! ❧

Não Estou Mais Com Medo

LILLIAM KNOWLES

Reside em Adelphi, Maryland, EE.UU.

Almejais ser capazes de partilhar vossa fé, mas estais com medo de que vos façam uma pergunta que não consigais responder? Eu estava.

Reuni todos os materiais para instrutores bíblicos que pude encontrar. Estudei e decorei tanto os versos bíblicos que não me foi possível conciliar o sono quando fui para a cama. Os textos que decorei perpassavam-me a mente como um rolo. Apesar de tudo isto, quando pensei em dar um estudo bíblico, fiquei petrificada. Não consegui lembrar meu próprio nome, quanto menos os textos que sabia de cor!

Eu não tinha medo das pessoas. Amava as pessoas. Cumprimentava estranhos em reuniões evangelísticas. Era algo relacionado com a idéia do próprio estudo que eu receava — a idéia de que eu não saberia encontrar uma resposta na Bíblia para as perguntas que fossem feitas.

Durante anos acompanhei meu esposo ao dar estudos bíblicos, mas eu mesma nunca dei um estudo, e isso me perturbava.

Certa vez, ao viajar com meu marido, permaneci em Kansas City enquanto ele foi a outra cidade, onde se deteve alguns dias. Estando completamente sozinha num motel, adveio-me uma idéia que modificou minha vida. Encontrei uma solução para o meu temor.

Foi durante a noite que tive a idéia de elaborar uma caderneta que contivesse todas as importantes doutrinas bíblicas e os textos que lhes serviam de apoio. Levava essa caderneta junto com a Bíblia, dentro da bolsa, em todas as ocasiões. Quando alguém me fizesse uma pergunta relacionada com algum assunto bíblico, eu poderia com facilidade encontrar a resposta. Então eu não teria medo de sair e partilhar minha fé. Fiquei tão excitada que quase não pude esperar até que chegasse a manhã para comprar uma cader-

neta apropriada.

Intensa queda de neve durante a noite não me impediu de sair do motel, atravessar a rodovia e dirigir-me a um estabelecimento comercial. Achei uma bonita caderneta preta de folhas soltas, comprei um conjunto de folhas adicionais e também uma boa caneta esferográfica. Não demorei a voltar ao motel. Reunindo meu material, pus mãos à obra imediatamente. Usei uma obra de J. L. Shuler como meu guia. Escrevi o dia todo e até tarde da noite.

Como fiquei fascinada com o meu novo livro quando ele ficou pronto! Ele me deu confiança, e, segundo havia esperado, todo o medo desapareceu. Podia levar minha caderneta junto com a Bíblia como livro de consulta. Eu a usei por muitos anos, e depois fiz uma outra. Dessa vez datilografei o material em minha máquina de escrever com letras que imitam a escrita manual, e gostei do formato de meu classificador.

Ele tem sido muito útil em numerosas ocasiões diferentes. Certa vez sentei-me ao lado de um jovem, num avião, e ele me contou que embora sua família não fosse religiosa, pouco antes de emprender aquele voo, seu pai disse à família que gostaria que começassem a ler a Bíblia. Ele sentia uma necessidade espiritual na família.

Depois de inscrevê-lo no curso por correspondência da Voz da Profecia, tirei meu livrinho de capa preta e pedi que o jovem lesse a lição sobre "Como Tornar-se Cristão." (Esta é uma de minhas lições prediletas.) Depois de lê-la ele disse o seguinte: "Nunca li alguma coisa tão bela! Como posso conseguir uma cópia para minha família?" Abri meu pequeno classificador e tirei a lição, dizendo que ele poderia levá-la. O moço hesitou, declarando que não seria correto tirá-la de lá. Assegurei-lhe que eu possuía outra cópia, a qual substituiria a anterior.

Diversas pessoas, depois de ver meu livro, mencionaram que eu devia mandar imprimir esse material para que outros pudessem usá-lo. Minha resposta tem sido que isso não é possível. Tal livro precisa ser elaborado diligentemente e com espírito de oração por alguém que sente o sincero desejo de testemunhar. Quando dedicardes tempo para fazê-lo, vereis quão valioso ele se torna para vós.

A fim de ajudar-vos a começar, dar-vos-ei a lista dos assuntos que agora tenho em meu classificador, os quais foram colocados em ordem alfabética, com letras separatórias compradas.

A
Anjos

B
Batismo
Bíblia, A

C
Castigo dos Ímpios, O
Céu, O
Como Compreender a Bíblia
Como Guardar o Sábado
Como Tornar-se Cristão
Conquista de Almas
Conversão

D
Daniel 2
Daniel 8
Dia do Senhor, O
Dízimo, O

E
Espírito de Profecia, O
Espírito de Profecia na Igreja
Remanescente, O
Estado dos Mortos, O

G
Grande Dia do Juízo, O

I
Igreja Remanescente, A

J
Jesus, Sumo Sacerdote

L
Lei e Graça

M
Mensagem de Elias, A
Milênio, O
Mudança do Sábado, A

O
Onde Estão os Mortos?

P
Pecados
Primeiro Dia da Semana no Novo Testamento, O
Pecado Imperdoável, O

Profecia dos 2.300 Dias, A
Propósito de Deus Para Este Mundo, O

Q
Que Preciso Fazer Para Ser Salvo?

R
Reparando a Brecha na Lei de Deus

S
Sábado, O
Salvação, A
Segunda Vinda de Cristo, A
Selo de Deus, O
Sete Últimas Pragas
Sinal da Besta, O

T
Textos do Primeiro Dia
Três Mensagens Angélicas

V
Vestuário Cristão
Viver Saudável, O

Vossa lista de assuntos pode ser diferente da minha, e, à medida que fordes usando vosso classificador, tereis de fazer diversas modificações. Agora desejo partilhar convosco meu esboço sobre a conversão, para dar-vos uma idéia de como organizo cada lista de textos. Como podeis ver, não cito o texto aqui, mas apenas faço comentários pessoais que uso depois de ler ou citar o texto indicado para a pessoa com a qual estou estudando a Bíblia.

Conversão

1

S. Mat. 19:16. A suprema pergunta que todos fazem nalguma ocasião de sua vida, é: Que preciso fazer para ter vida eterna?

2

S. João 3:3. Precisamos nascer de novo. Que significa isso? Nascer de novo é o processo transformador do pecado para a salvação.

3

Atos 3:19. Antes que Deus possa purificar-nos do pecado, precisamos arrepender-nos e converter-nos.

4

Salmo 32:5. Precisamos reconhecer nosso pecado — sentir tristeza por ele.

5

Prov. 28:13. O arrependimento nos levará a confessar nossos pecados, e abandoná-los para alcançar misericórdia.

6

I S. João 1:9. Se confessarmos os nossos pecados, Cristo é fiel para perdoá-los. Ele nos purificará de toda injustiça.

7

II Cor. 5:17. Podemos saber quando nascemos de novo, porque seremos transformados. Tornamo-nos novas criaturas. As coisas antigas passaram. Deixamos de fazer aquilo que Deus proíbe. Tudo se torna novo.

8

I S. João 3:24. Outra maneira pela qual podemos saber se realmente estamos levando uma vida cristã é o conhecimento de que Cristo habita em nós se guardamos os Seus mandamentos.

9

Heb. 5:9. A conversão nos conduz à obediência.

10

Gál. 2:20. Podemos obter poder, coragem e força para levar uma boa vida cristã permitindo que Cristo viva em nós. Podemos viver para Ele e fazer o que Ele quer que façamos. Afastando-nos dos maus caminhos e arrependendo-nos de todos os nossos pecados e confessando-os, Deus pode purificar-nos de toda injustiça. Cristo entrará em nossa vida e viverá Sua vida em nós quando convidamos Sua presença. É então que podemos ter salvação eterna.

Os pregadores fazem esboços e muitas vezes escrevem o sermão inteiro. Eles dependem desse auxílio em suas pregações. Nós também precisamos de anotações e comentários que possam ser usados em nosso trabalho na conquista de almas. Depois de vencer o medo, sereis usados de um modo que não julgáveis possível, e Deus vos abençoará grandemente.

PARTILHANDO O MINISTÉRIO

HARRY SPAETH

Pastor da Igreja dos Irmãos, de Hollidaysburg, Pensilvânia

A maioria dos membros estão bem pouco envolvidos na vida e no ministério da igreja. Este triste fato é ilustrado na norma prática dos arquitetos de que as congregações devem construir um santuário que acomode um terço do total de seus membros.* A igreja precisa enfrentar resolutamente a tarefa de nutrir e desenvolver seus próprios membros. Esta dolorosa confissão é imposta à igreja pela experiência e por alguns frios dados estatísticos. Pois, ao passo que seu ativo mais valioso — os membros — devia ser uma força preparada para ajudar a cumprir o seu ministério, a maioria parece ser uma parte do campo a ser colhido! A igreja precisa tornar-se um movimento mais dinâmico e empreendedor. Os clérigos sozinhos não podem cumprir o seu ministério.

Efésios quatro fala deste conceito do ministério. Lendo-o, sente-se que os versos quatro e seis constituem a madre de um embrião que se desenvolve à medida que a passagem continua, a saber, o ministério unido da igreja. "Cada um de nós" (v. 7) recebeu alguma coisa; isto abrange todos os "santos" aos quais é dirigida a carta (cap. 1:1), bem como seus dirigentes. Os dons ou cargos de liderança, mencionados no verso onze, são específicos e se equiparam a outras listas de dons específicos como as que se encontram em I Coríntios 12:4-11 e 28-31; e Romanos 12:3-8. O Novo Testamento declara que todos os crentes têm dons em variados graus de plenitude. (Ver I Cor. 7:7; I S. Ped. 4:10 e 11.) Na criação e na Igreja Deus tem sido generoso em Suas dávidas, e espera que o que Ele dá seja usado com boa mordomia, incluindo os dons concedidos a todo crente e servo de Cristo.

Em Suas dávidas, Deus dotou a Igreja de liderança para ajudar a prepará-la para o ministério. Se-

gundo lemos em Efésios 4:12 (na Versão de Almeida, antiga), afigura-se que Deus outorgou apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres para o triplice propósito de: 1) aperfeiçoamento dos santos; 2) obra do ministério; e 3) edificação do corpo de Cristo. As preposições do texto grego indicam, porém, que não se trata de uma série de frases paralelas e que não deve haver uma vírgula depois da palavra "santos". Assim, a passagem denota que Deus deu apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres para o aperfeiçoamento (ou habilitação) dos santos para a obra do ministério e para a edificação do corpo de Cristo. O significado é que todos os crentes fazem parte do ministério. Toda a congregação tem a responsabilidade de cumprir o ministério da Igreja, ajudada e habilitada pela liderança.

A resposta à pergunta: "De quem e o ministério cristão?" não é: "Dos apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres." A resposta correta é: "De todos os que crêem em Jesus Cristo." O ministério pertence ao povo de Deus. "O ministério pastoral não abarca o ministério da Igreja; ele apenas é uma parte desse ministério.

Que é o ministério cristão? A última frase de Efésios 4:12 indica o supremo propósito para o qual Deus dotou a Igreja de dons e para o qual os santos devem ser preparados: "para a edificação do corpo de Cristo." Os versos treze e dezesseis apresentam alguma coisa do que é abrangido por esse processo de edificação, e as palavras finais falam de crescer "em tudo" e de "cada parte" desempenhando a sua própria função.

A maioria dos dons ou cargos mencionados nessa passagem se relacionam principalmente com o ministério interno da Igreja. A referência a "evangelistas" acen-

tua, porém, o ministério externo da Igreja em prol dos não-convertidos, diante dos quais todos os santos são "testemunhas". (Ver Atos 1:8; S. Mat. 28:18-20; II Cor. 2:14-17; 3:2 e 3; I S. Ped. 3:15.)

Em II Coríntios 5:17-21, todo crente novo em Cristo é encarado como tendo um ministério: o ministério da reconciliação. Todos quantos foram reconciliados com Deus são incumbidos deste ministério. A Igreja deve recomendar que os homens e as mulheres se afastem do pecado e de tudo aquilo que os separa de Deus e dos outros. Esse ministério tem várias dimensões — divina e humana, pessoal e social, interna e externa, qualitativa e quantitativa — mas, tudo é "edificação do corpo".

No tocante ao ministério de sua vida interior, os crentes recebem auxílio ministerial e também — embora isto às vezes seja olvidado — ministram uns aos outros. Quanto ao ministério de sua vida exterior, eles se ocupam em ministrar além do círculo da fé. Estas duas direções representam o fluxo e refluxo do ministério fundamental que Deus confiou tanto ao pastor como ao povo, no qual todos têm alguma responsabilidade em ambas as direções. As duas juntas formam um só ministério do qual participam todos os crentes, a edificação do corpo de Cristo por meio do ministério da reconciliação que lhe foi confiado. Tudo dimana da expressão e do cumprimento desse ministério essencial ou concorre para isso.

É a teologia da roda da carroça. A medida que os raios se aproximam do cubo da roda eles também se aproximam uns dos outros. Como esses raios, quando o povo de Deus se aproxima dEle — o centro de sua vida — em obediência e amor, também se aproximam uns dos outros. Semelhantemente, quanto mais se aproximam uns dos outros em amor e ministério, tanto mais perto se

acham do seu Senhor. Um movimento não pode ocorrer sem o outro. (Ver S. Mar. 12:28-31; S. Mat. 18:20; I S. João 1:3 e 7; 2:9 e 10; 3:10, 14, 17 e 23; 4:7, 8, 11, 12, 20 e 21.) Quando se acham dispersos, os crentes servem em nome de Cristo, convidando outros da periferia para o círculo da fé. Os crentes estão assim em contínuo movimento entre Deus, uns para os outros e o mundo.

Envolver todo crente no ministério cristão é um dos principais itens da agenda para o pastor e a liderança eclesial. Os pastores precisam confirmar a validade e utilidade deste ponto, e as congregações precisam reconhecer sua total responsabilidade. Se apenas o pastor tem esta visão, será necessário um programa educacional e de pregações, e terá de ser elaborado um plano que leve em conta a herança denominacional e quaisquer peculiaridades da congregação. Onde começar e como prosseguir deve receber muita reflexão, pesquisa e paciente fundamentação.

Crescente consenso é que a avaliação constitui um útil instrumento na busca de modificação e de um prelúdio para bom planejamento. Ajudando a congregação a determinar "Que estamos fazendo?", "Aonde estamos indo?" e "Aonde queremos ir?" podeis auxiliá-los a considerar a situação atual e os setores que necessitam de consideração adicional. Neste processo, é mister despertar o interesse de fortalecer e ampliar os vários aspectos do ministério que presentemente estão sendo realizados pelos membros. Embora todas as congregações pratiquem algumas formas de "ministério leigo", a plena potencialidade raramente é atingida.

Outro possível ponto de partida é avaliar o ministério do pastor. Aí a congregação pode indicar mais prontidão para lidar com a modificação e incorporá-la, especialmente se o pastor introduzir a idéia. É o estilo e o desempenho do ministério pastoral compatível com o espírito de um ministério *partilhado* e tende a facilitá-lo? O estilo da liderança talvez seja demasiado autocrático; o desempenho talvez favoreça a noção de um "grupo de um só homem".

Como o pastor e a congregação encaram o papel e a posição do pastor na vida da igreja é crucial. O ministério do pastor é favorecido pelo esclarecimento de suas funções na congregação e em favor dela. Convém ter algumas prioridades estabelecidas e uma

relação de atividades que seja avaliada e revisada periodicamente. Enunciar numa folha de papel as funções do pastor no ministério estabelece alguns alvos intencionais pelos quais o pastor se considera responsável. Também adiciona outro fio ao ministério *partilhado*, contribuindo para maior envolvimento congregacional no planejamento do pastor e dos membros. O próximo passo lógico pode ser ocupar-se em estabelecer alguns alvos congregacionais incentivadores e atingíveis.

Qualquer que seja o plano, o pastor tem de encarar com seriedade o seu papel no ministério e orientar a congregação para que também encare com seriedade a sua função; o pastor e os membros precisam empenhar-se *juntos*. Ao estabelecer planos, provavelmente haverá opiniões divergentes. Isto precisa ser reconhecido e enfrentado num espírito de compreensão e com algumas afáveis concessões mútuas dirigidas pelo Espírito Santo, no tocante ao que deve ser feito, e quando, como e por quem. Visto que fixar alvos e ministrar com fidelidade nem sempre produz os resultados esperados, deve-se buscar o progresso, não a perfeição; e perseverar com paciência.

A Igreja é um gigante adormecido que precisa ser despertado. A precípua tarefa da liderança é estimulá-la a cumprir a possibilidade prometida por seu Senhor. (Ver S. João 14:12-14.) Os pastores podem ajudar suas congregações a realizar este ministério promissor e, por sua vez, eles podem *ser ajudados* por suas congregações na focalização de seu próprio ministério.

Guiar a congregação na senda de um ministério cada vez mais *partilhado* é algo que tanto é captado como ensinado. Os pastores e os dirigentes de igreja precisam estar cientes de *molde* a liderança cristã e a qualidade de servo. Requer-se diligente e flexível liderança pastoral que envolva outros na tentativa de enfrentar o ministério como equipe, que inicie, assimile e reforce os esforços de muitos. O pastor precisa ser um tanto semelhante ao treinador que participa dos jogos e também é responsável por instruir os jogadores e coordenar o ataque e a defesa. O treinador tem e usa também treinadores auxiliares. A atitude ao dirigir deve ser a de adultos para adultos, e não a de pais para com os filhos.


O senso de *partilhar* a liderança é decisivo para a realização do

ministério *partilhado*. O pastor não é o único líder na congregação, mas um líder entre líderes e, naturalmente, um servo entre servos. A liderança da igreja precisa ser encarada como exercendo uma função que necessita ser cumprida, e não como uma posição para dominar sobre os outros, nem como um símbolo de *status*.

Partilhar ou não partilhar o ministério? Nem teológica nem pragmaticamente isto constitui uma opção de interesse atual. A pergunta é: Como pode o pastor e o povo cumprir mais eficazmente sua vocação e ministério comum? A igreja deve procurar utilizar as adestradas habilidades do pastor ordenado e todos os recursos de todos os seus membros. Esta atividade produzirá nova erudição e crescimento nos pastores e nos membros, para glória de Deus e aprimoramento da igreja.

Para que um ministério plenamente *partilhado* possa arraigar-se e vicejar numa congregação, o pastor e o povo precisam ter uma visão *partilhada*. O pastor não ousa dar a impressão de "realizar" o ministério da igreja; e, sim, de que está encarregado de dirigi-lo e ajudar a promovê-lo. O Ministério *partilhado* é uma atitude e um processo pelos quais se reconhece que *todos* os cristãos são chamados ao ministério; este não é um aspecto opcional da vida cristã. Embora talvez só haja um "pastor", *todos* os membros são "ministros". Algumas igrejas incorporaram esta verdade em suas cerimônias de batismo e recepção de membros. De toda maneira possível deve-se promover crescente visão e prática do ministério *partilhado*.

O ministério *partilhado* é um empreendimento de muitas facetas que procura descobrir e usar os dons de todo crente, para ajudar cada membro e aprimorar-se na máxima amplitude de sua possibilidade. Com essa finalidade, os pastores e as congregações necessitam tirar o máximo proveito de todos os membros já disponíveis, descobrindo assim o tesouro escondido em seu próprio terreno. É provável que "acres de diamantes" estão sendo passados por alto ou pelo menos muitas pedras preciosas em estado bruto.

Vós conheceis vossa igreja. Sois capazes de imaginar o que ela poderá tornar-se? 

* Nota da Redação: O autor do presente artigo está apresentando um fato que obedece à realidade do país onde ele desempenha o seu ministério.

Como Tornar Interessante a Reunião Missionária

ITANEL FERRAZ

Diretor dos Departamentos da Escola Sabatina e
Ação Missionária da Divisão Sul-Americana.



Arquivo Casa

As igrejas estão se estiolando porque têm deixado de empregar seus talentos na difusão da luz...

Lemos em S. Mateus 9:35 "E percorria Jesus todas as cidades e aldeias, ENSINANDO nas sinagogas deles e pregando o evangelho do reino, e curando todas as enfermidades e moléstias entre o povo."

Ressaltei propositalmente a palavra ENSINANDO porque era o que mais fazia nosso Salvador. Primeiro ensinava, depois prega-

va. Jesus era considerado mais como Mestre do que como Pregador. O jovem rico perguntou a Cristo "Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna?" S. Mat. 19:16.

Sabemos que das 90 vezes que os Evangelhos mencionam a Cristo, 60 vezes o fazem como "RABI", o que quer dizer "MEU MESTRE". Sim, Jesus dedicava mais

tempo em ensinar do que em pregar. Foi o maior PROFESSOR que o mundo já conheceu, porque um mestre só é um mestre na realidade quando consegue imprimir suas idéias na mente de seus alunos, influenciando, assim, na conduta; levando a transformações de hábitos e atitudes.

Para ensinar exige-se paciência e perseverança, o que nem sem-

pre, como humanos que somos, estamos dispostos a desenvolver. Muitas vezes é mais fácil ao dirigente fazer um trabalho missionário do que tomar um irmão para ensinar-lhe a fazê-lo.

Assim, para que as reuniões missionárias do primeiro sábado do mês sejam interessantes, é necessário preparo e ensino prévio. Esta reunião deveria ser uma das mais interessantes da igreja para poder motivar constantemente os irmãos. Um membro da igreja disse que ia à igreja no dia do Sábado Missionário como quem ia ao dentista. Ia porque não podia deixar de ir, como não se pode deixar de ir ao dentista. Técnicos em Pedagogia nos dizem quanto à motivação, que:

Em cada 100 há 5 excelentes que não precisam de motivação alguma.

Em cada 100 há 15 que precisam de vez em quando de alguma motivação.

Em cada 100 há 60 que precisam ser constantemente motivados.

Em cada 100 há 15 que precisam de forte motivação. São inconstantes.

Em cada 100 há 5 que não reagem a nenhuma motivação. Não adianta fazer nada.

Assim, a reunião missionária é de importância capital, porque em grande medida a motivação da igreja depende dela.

Devemos mudar a idéia de que a reunião missionária deva ser composta por alguns anúncios com referência a itens missionários e um sermão. Naturalmente tradições não se mudam, e em algumas igrejas se não houver um sermão missionário, não é um sábado missionário.

A serva do Senhor nos diz: "Tem havido demasiado sermônizar para o povo; mas têm eles sido ensinados a trabalhar por aqueles por quem Cristo morreu? Tem-se delineado um ramo de trabalho, colocando-o ante eles de tal modo que cada qual viu a necessidade de tomar parte na obra?" — *Serviço Cristão*, pág. 59.

Em realidade tem havido demasiado sermões quando deveria haver mais instruções. Esquecemo-nos de que Cristo foi mais Mestre do que Pregador, mas temos desenvolvido na igreja a idéia de que o missionário ideal é o pregador. É bom que haja irmãos que podem pregar, mas apesar de todos não poderem ser pregadores, a maioria pode ensinar. Então o que deveríamos fazer nas reuniões missionárias se-

Em realidade, tem havido demasiados sermões quando deveria haver mais instruções.

ria programas vivos e sempre com algumas instruções missionárias.

Lemos quanto a instruir aos irmãos: "Devia existir um plano bem organizado para o emprego de obreiros que fossem a todas as nossas igrejas, grandes e pequenas, para instruir os membros como trabalhar para a edificação da igreja, e também a favor dos incrédulos. Instrução e educação é que são necessárias. Os que estão empenhados em visitar as igrejas, devem ensinar aos irmãos e às irmãs os métodos práticos de fazer trabalho missionário." — *Serviço Cristão*, pág. 58.

"O maior auxílio que se pode prestar a nosso povo é ensiná-lo a trabalhar para Deus, e a confiar n'Ele, e não nos ministros." — *Ibidem*.

"As igrejas estão-se estiolando porque têm deixado de empregar seus talentos na difusão da luz. Devem-se dar cuidadosas instruções, as quais serão como lições providas do Mestre, para que todos possam usar praticamente a luz que possuem." — *Idem*, págs. 58 e 59.

"Muitos teriam boa vontade de trabalhar, se lhes ensinassem a começar. Necessitam ser instruídos e animados. Toda igreja deve ser uma escola missionária para obreiros cristãos." — *Idem*, pág. 59.

Impressiona-nos o êxito dos apóstolos naqueles dias tão difíceis, sem as facilidades hodiernas e completamente desprovidos das facilidades de comunicação dos nossos dias. Sabemos que a grande preocupação de Paulo era a instrução, e esse foi o segredo da expansão do cristianismo naqueles dias.

Em *Serviço Cristão*, pág. 60, lemos o seguinte: "E, quando os apóstolos partiam para outro lugar, a fé daqueles homens não vacilava, antes aumentava. Haviam sido fielmente instruídos no caminho do Senhor, e se lhes ensinara como trabalhar abnegada-

mente, fervorosamente, perseverantemente pela salvação de seus semelhantes. Esta cuidadosa instrução aos novos convertidos era um importante fator no êxito notável que acompanhava Paulo e Barnabé, ao pregarem eles o evangelho nas terras gentílicas."

Agora vamos por passos:

1º O pastor deve convocar a Comissão Missionária pelo menos uma vez por mês. O ideal é ter um dia e hora já programados com antecedência.

2º Os membros da Comissão Missionária são: o ancião da igreja, que será o presidente; o diretor missionário; o secretário missionário da igreja; o diretor dos Jovens Adventistas; o diretor da Sociedade dos Juvenis; e quaisquer outras pessoas que a Comissão da Igreja haja por bem designar.

3º Nesta reunião deverá ser feita uma avaliação do movimento missionário da igreja, para se verificar onde estão os pontos débeis. Analisa-se se há necessidade de mudança de territórios ou folhetos, etc.

4º Na reunião faz-se um balanço do material missionário existente, para não haver falhas na continuidade da distribuição aos irmãos, nos sábados pela manhã.

5º Nessa reunião arma-se o PROGRAMA MISSIONÁRIO seguinte, isto é, do próximo primeiro sábado. Esse programa pode ser bem variado. Deve ter no mínimo uma experiência missionária recente, de um irmão. As Dorcas devem falar do seu movimento durante uns 10 minutos. Será interessante analisar o andamento missionário da igreja em geral e as boas perspectivas. Uma pessoa apresentará um estudo missionário de uns 12 a 15 minutos. Durante uns 15 minutos duas ou três pessoas farão uma apresentação viva de como dar um Estudo Bíblico, como passar uma projeção luminosa, como conseguir uma inscrição para um curso da Voz da Profecia, etc. Entre uma parte ou outra naturalmente deve haver música especial.

6º Deve o pastor dar todo o apoio ao PROGRAMA, assistindo e mesmo participando. Não deve o pastor, enquanto a igreja não estiver "a todo vapor", deixar o PROGRAMA a cargo dos irmãos e dirigir-se a outra igreja para aproveitar a oportunidade. A igreja foi fundada para ser uma agência missionária, e enquanto ela não estiver funcionando como tal, não deverá ser abandonada nos PROGRAMAS MISSIONÁRIOS. ❧



O Lugar da Mulher no Ministério

Dr. Mário Veloso

Secretário de Campo da Divisão Sul-Americana.

No antigo mundo oriental existia o seguinte provérbio que os homens repetiam constantemente: "Estou agradecido por não ser incrédulo, nem incivilizado, nem mulher, nem escravo." A importância da mulher nesse ambiente foi sempre muito reduzida.¹ Em compensação, no povo de Israel, embora a mulher pareça estar numa situação inferior ao homem, em sua casa, tem direitos iguais aos de seu marido, especialmente no tocante à educação de seus filhos.² Esta igualdade aparece nas leis que condenam as faltas dos filhos contra sua mãe do mesmo modo que condenam as ofensas contra seus pais (Êxo. 21:17; Lev. 20:9; Deut. 21:18-21; 27:16) e no Decálogo que manda honrar tanto a mãe como o pai (Êxo. 20:12; Lev. 19:3).

O marido devia amar sua mulher, escutá-la e tratá-la como igual a ele. Isto ocorre com a mãe de Samuel (I Sam. 1:4-8, 22 e 23) e com a sunamita (II Reis 4:8-26). Os filhos devem respeitar a sua mãe (Prov. 19:26; 20:20; 23:22; 30:17)³ e honrá-la (Êxo. 20:12). A mulher é a graça personificada e digna de receber honras (Prov. 11:16), especialmente quando ela é diligente, trabalhadora, bondosa, sábia, digna de honra e piedosa (Prov. 31:10-31).

Segundo a Bíblia, a mulher tem um lugar na vida religiosa do povo de Deus e uma parte no ministério evangélico. Exporemos estes ensinamentos classificando seu conteúdo em três partes: a) Em primeiro lugar analisaremos o papel da mulher na vida religiosa do povo de Deus; b) em segundo lugar, sua situação no ministério evangélico cristão primitivo e c) em terceiro lugar, sua importância no ministério evangélico atual.

1. O Papel da Mulher na Vida Religiosa do Povo de Deus

Durante o período veterotestamentário, as mulheres participavam plenamente nas atividades religiosas relacionadas com as grandes festas do povo de Israel, como a Páscoa, o Pentecostes e a Festa dos Tabernáculos.⁴ Em relação com a festa da Páscoa, elas certamente estão incluídas nas expressões: "Toda a congregação de Israel", "para cada família" (Êxo. 12:3). De modo mais específico, em relação com a festa das semanas é incluída a participação das viúvas (Deut. 16:11) e em relação com a festa das cabanas também são incluídas as viúvas "que estão dentro das tuas cidades" (Deut. 16:14). A participação nas festas indicava a relação que cada um dos israelitas mantinha com Deus. Esta relação se expressava de maneira muito mais permanente através do concerto.

A mulher também participava do concerto ou aliança que Deus fez com Seu povo Israel. Moisés, no país de Moabe, disse ao povo: "Vós estais hoje todos perante o Senhor vosso Deus: os cabeças de vossas tribos, vossos anciãos e os vossos oficiais, todos os homens de Israel: os vossos meninos, as vossas mulheres, e o estrangeiro que está no meio do vosso arraial; desde o vosso rachador de lenha até o vosso tirador de água; para que entre na aliança do Senhor teu Deus, e no Seu juramento que hoje o Senhor teu Deus faz contigo." Deut. 29:10-12. A aliança é o convênio que Deus estabelece com o homem, feito com o solene rito da morte de algum animal,⁵ "para que hoje te estabeleça por Seu povo, e Ele te seja por Deus" (Deut. 29:13).

O concerto de Jeová com Seu povo abrange três aspectos: 1) um

presente de Deus a Seu povo, 2) uma relação — a comunhão que Deus estabelece com Seu povo, e 3) uma obrigação contraída pela pessoa que aceita o concerto com Deus e que se expressa na forma de uma lei.⁶

As mulheres participavam de toda a riqueza religiosa envolvida no presente de Jeová a Seu povo, da comunhão íntima que se produzia entre Ele e eles por causa dessa dádiva, e também deviam cumprir as obrigações estabelecidas pela lei. Os homens e as mulheres estavam em situação de igualdade com respeito a sua participação na vida religiosa que Deus lhes havia prescrito. No tocante aos ofícios religiosos havia uma diferença.

Estes ofícios religiosos eram representados por dois personagens na comunidade israelita: o sacerdote e o profeta. O sacerdote era um ministro do altar que servia no santuário (Núm. 1:53), consultava a vontade de Deus (Núm. 27:21), ensinava as leis e os preceitos de Deus, oferecia sacrifícios e ofertas (Deut. 33:10) e atuava como mediador do homem perante Deus (Heb. 5:1).⁷

Os sacerdotes eram os ministros do culto público.⁸ Tinham as mulheres que cumprir alguma parte no culto público? Os templos pagãos tinham hieródulas ou sacerdotisas que exerciam a relação sexual sagrada nos templos, especialmente nos templos dedicados à deusa da fertilidade.⁹ Mas Israel não tinha sacerdotisas. Nenhuma mulher jamais ocupou um lugar no sacerdócio israelita.¹⁰ A única referência que fala de mulheres em alguma espécie de trabalho relacionado com o templo é Êxodo 38:8, onde se faz menção "das mulheres que se reuniam para ministrar à porta

da tenda da congregação". Este trabalho das mulheres é repetido em I Samuel 2:22, onde se informa que os filhos de Eli prostituíram algumas dessas mulheres. Parece que o trabalho que elas realizavam na entrada do templo era o ofício de porteiras.¹¹ Isto indica que a mulher, no culto público no antigo Israel, desempenhava uma função ou atividade silenciosa, quase particular, pois o trabalho dos porteiros sempre se realiza quando o público já se retirou.

Este tipo de serviço se coadunaria com o cargo de diaconisa que a igreja cristã outorga às mulheres (Rom. 16:1; I Tim. 3:11). Não resta a menor dúvida de que o cargo de diaconisa estava relacionado com o de diácono, o qual mantinha estreita relação com o bispo ou ancião (I Tim. 3:1-13).¹² O importante aqui, tanto com respeito à porteira do templo como da diaconisa, é o caráter associado que têm estes cargos. Parece que no culto público a mulher pode exercer um cargo associado. Não ocupa o cargo principal que dirige o culto em forma direta.

O outro ofício religioso que aparece na Bíblia é exercido pelo profeta. Ao contrário do que ocorre com a mulher no ofício sacerdotal, nas funções de profeta não existe nenhuma diferença entre homem e mulher. Alguns estudiosos têm procurado ver uma diferença radical e até oposta entre o ofício profético e o ofício sacerdotal. No entanto, ambos possuem o mesmo objetivo. O sacerdote procura alcançá-lo através do culto e sua intercessão a favor do pecador anterior; o profeta procura alcançá-lo por meio da mensagem cuja revelação recebeu de Deus e que busca transmitir ao pecador. Ambos têm por objetivo a restauração do homem à comunhão com Deus e à salvação.¹³

"Desde os primeiros tempos, os profetas eram reconhecidos como ensinadores divinamente designados. Na mais alta acepção da palavra, o profeta era alguém que falava por direta inspiração, comunicando ao povo as mensagens que recebera de Deus. Mas esse nome também era dado àqueles que, embora não fossem diretamente inspirados, eram divinamente chamados para instruir o povo nas palavras e caminhos de Deus."

Neste ofício de comunicação e ensino da mensagem divina, a mulher podia participar em pé de igualdade com o homem. Con-

cluindo esta parte, podemos dizer que a participação da mulher no ofício sacerdotal que atendia o culto público era muito reduzida, e isto em caráter de associada. Em compensação, no ofício profético cuja função básica era comunicar e ensinar a mensagem divina, tinha uma participação igual à do homem. Esta ação da mulher aparece de novo no ministério cristão com características semelhantes.

2. O Lugar da Mulher no Ministério Cristão Primitivo

Já mencionamos que, no tocante ao culto cristão, a mulher desempenhava o cargo de diaconisa. Este é um cargo associado cujas funções específicas não aparecem no Novo Testamento e só podem ser compreendidas através das funções atribuídas ao diácono, que se resumem nas seguintes atividades: a) administração dos bens possuídos pela congregação, b) serviço prático à comunidade de crentes (Atos 6) e c) no culto, ajudar no serviço divino da Santa Ceia.¹⁵ A isto deve ser acrescentado o que Paulo disse de Febe, a diaconisa de Cencréia (Rom. 16:1), afirmando que ela foi sua "protetora" (v.2).¹⁶ A palavra que Paulo utiliza neste versículo é *prostatis*, que significa uma mulher colocada sobre outros como protetora.¹⁷

Esta idéia estaria complementando o conceito de diaconisa expressado no versículo anterior. Como se pode ver, o cargo de diaconisa contém deveres relacionados com o culto e com a vida da congregação cristã. Este cargo, semelhante ao ofício sacerdotal do Velho Testamento, também está relacionado com a proclamação do evangelho, assim como o sacerdócio estava relacionado com o ofício profético. Na pregação do evangelho, a mulher aparece no Novo Testamento como colaboradora de Cristo e dos apóstolos. "Cristo fala de mulheres que O ajudaram na apresentação da verdade a outras pessoas, e Paulo também se refere a mulheres que colaboraram com ele no evangelho."¹⁸

Cristo não somente aceitou mulheres como seguidoras, mas também o serviço e o dinheiro de um grupo de devotas mulheres da Galiléia que O acompanharam em Suas viagens (S. Luc. 8:1-3; S. Mat. 27:55 e 56). As mulheres foram as primeiras a levar as boas-novas da ressurreição de Cristo (S. Luc. 23:55 a 24:10).

Paulo, embora tenha textos de-

finidos que colocam a mulher na impossibilidade de dirigir o culto público (I Tim. 2:11-14; I Cor. 14:34 e 35), permite que orem em público (I Cor. 11:13), profetizem (v. 5) e as aceita como colaboradoras na pregação do evangelho, porque ao aceitar a Cristo "não pode haver... nem homem nem mulher" (Gál. 3:28).

Entre as colaboradoras de Paulo são mencionadas Evódia e Sintique (Filip. 4:2), Priscila (Rom. 16:3) e as outras mulheres que aparecem em Romanos 16: Maria (v. 6), Trifena, Trifosa e Pérsida (v. 12).

Priscila tem algumas características muito importantes. Paulo a menciona junto com o esposo, chamando-os de "meus cooperadores em Cristo Jesus" (Rom. 16:3). A palavra *sumergós* que Paulo utiliza aqui é usada no Novo Testamento para indicar outra pessoa que se dedica juntamente para trabalhar pelo avanço da Causa de Cristo. Entre eles o apóstolo menciona a Epafrodito (Filip. 2:25), Clemente (Filip. 4:3), Urbano (Rom. 16:9) e Timóteo (Rom. 16:21). É evidente que se trata de evangelizadores ocupados na proclamação do evangelho.

Posto que Priscila e Áquila — seu esposo, com quem estava intimamente associada nas tarefas de pregação — "não foram chamados a dar todo o seu tempo ao ministério evangélico",²¹ são chamados "zelosos obreiros de Cristo",²² e, depois de encontrar-se com Paulo em Corinto, o acompanharam a Éfeso, "e ele os deixou ali para que continuassem a obra que havia começado".²³

A dedicação desse casal à evangelização era tão intensa que houve uma igreja em sua própria casa quando viviam em Éfeso (I Cor. 16:19) e quando tornaram a viver em Roma (Rom. 16:3-5). A participação de Priscila deve ter sido bastante destacada porque, quando Paulo se refere a eles, coloca a Priscila em primeiro lugar (Rom. 16:3; Atos 18:18; II Tim. 4:19). Além de mencionar a Febe e Priscila, Paulo também dá os nomes de outras mulheres em Romanos 16. Neste capítulo aparecem os nomes de doze mulheres e de dezessete homens. Entre as mulheres se destacam Trifena e Trifosa, "as quais trabalharam no Senhor" (Rom. 16:12, Almeida, antiga) e Maria, assim como Pérsida, que também "muito trabalhou" no Senhor (Rom. 16:6 e 12). O verbo *Kopiaio* significa traba-

lhar laboriosa e assiduamente, trabalhar afanosamente sem medir esforços, até o cansaço. A dedicação sem medida das mulheres era a favor de Cristo. Estas frases são expressões técnicas usadas por Paulo para expressar que essas mulheres estavam completamente dedicadas à difusão do evangelho.²⁵

Temos, assim, algumas idéias bem definidas relacionadas com a participação da mulher, tanto no culto como na proclamação do evangelho. A idéia básica que se aplica a ambos os ofícios que no Velho Testamento representavam o sacerdote e o profeta pode ser expressa pelo vocabulo "associada". A mulher participava como colaboradora do sacerdote, especialmente como porteira do santuário, ou como diaconisa da Igreja cristã. Na transmissão da mensagem divina, sua participação era mais direta, tanto na comunidade israelita, em que desempenhava o ofício de profetisa, como na comunidade cristã, em que desempenha tarefas de colaboradora do apóstolo.

Esta idéia de colaboradora do apóstolo torna a ser expressa em Filipenses 4:2 e 3, onde Paulo, referindo-se ao trabalho de Evódia e Sintique, diz que "juntas se esforçaram comigo no evangelho". A palavra traduzida por "esforçaram" é o verbo *sunathleo*, que significa esforçar-se juntamente com outro, secundar alguém. No caso específico dessas duas mulheres, Paulo afirma: "Elas secundaram meus esforços".²⁶ A idéia de que a participação da mulher no ministério complementa a obra do apóstolo é realmente importante e nos permite identificar a importância da mulher no ministério atual.

3. Importância da Mulher no Ministério Atual

Os talentos da mulher são indispensáveis ao êxito do ofício ministerial. "Quando se tem a fazer uma grande e decisiva obra, Deus escolhe homens e mulheres para realizá-la, e ela sofrerá o dano caso os talentos de ambas as partes não se aliarem." — *Carta 77, 1898.*²⁷

Falando mais especificamente da tarefa que corresponde à esposa do pastor que, segundo os antecedentes bíblicos, deve realizar um trabalho que complementa o ministério de seu esposo, devemos fazer referências às seguin-

tes palavras: "Quando for possível, vão o ministro e a esposa juntos. A mulher pode muitas vezes trabalhar ao lado do esposo, efetuando um nobre serviço. Ela pode visitar os lares do povo e ajudar às senhoras nessas famílias por uma maneira que não é possível ao marido."²⁸

Este conceito de que as esposas dos pastores devem trabalhar em relação com seus esposos torna a ser expresso no seguinte parágrafo: "Grande obra têm as mulheres a efetuar na causa da verdade presente. Pelo exercício do tato feminino e um sábio emprego de seu conhecimento da verdade bíblica, elas podem remover dificuldades que nossos irmãos não podem abordar. Necessitamos de obreiras que *trabalhem em ligação com seus maridos*, e devemos animar as que desejam ocupar-se neste ramo de esforço missionário." — *Carta 142, 1909.*²⁹

O ofício ministerial do pastor e sua esposa é um e o mesmo. Ambos devem dedicar seus talentos em pé de igualdade. "A mulher, caso aproveite sabiamente o tempo e suas faculdades, descansando em Deus quanto à sabedoria e à força, pode ombrear com seu marido como conselheira, companheira e coobreira, sem todavia nada perder de sua graça feminil e doméstica."³⁰

É evidente, portanto, que no tocante ao culto, o pastor ocupa o lugar do sacerdote no Velho Testamento e do apóstolo no Novo Testamento. Nesta tarefa ele conta com a ajuda feminina das diaconisas. No tocante a seu ofício profético, mediante o qual proclama a mensagem divina, pode contar com a ajuda feminina, incluindo a de sua própria esposa, em pé de igualdade com ele, visto que todas as tarefas que o pastor realiza também podem ser executadas por sua esposa, a qual pode e deve atuar como companheira, conselheira, coobreira,³¹ orientadora do lar,³² instrutora bíblica,³³ professora de classes bíblicas,³⁴ conselheira de mulheres,³⁵ visitadora de mães e crianças,³⁶ e também pode falar à congregação.³⁷ Por conseguinte, as esposas dos pastores devem acrescentar os talentos femininos ao ministério e "trabalhar no ministério evangélico".³⁸

Se a esposa do pastor é um complemento indispensável para seu ministério, a importância da mulher no ministério cristão é de grande valor. A mulher, encon-

trando-se numa situação de igualdade com seu marido pastor nesta tarefa, deve dedicar seus melhores talentos e energias para tornar mais eficiente o ministério, dando-lhe a dimensão com a qual alcance sua plenitude. ❧

Bibliografia

1. Albrecht Oepke, "Guné", *Theological Dictionary of the New Testament* (TDNT). Ed. por Gerhard Kittel (Grand Rapids, Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1974), vol. 1, págs. 776-789. Citação da pág. 777.
2. Xavier Leon-Dufour, *Vocabulário de Teologia Bíblica* (VTB) (Petrópolis, Editora Vozes Ltda., 1977), coluna 626.
3. Roland de Vaux, *Ancient Israel*. Dois volumes (Nova Iorque, McGraw-Hill Book Company, 1961), vol. 1, págs. 39 e 40.
4. O. J. Baab, "Woman", *The Interpreter's Dictionary of the Bible* (Nova Iorque, Abingdon Press, 1962), vol. 4, págs. 864-867. Citação da pág. 865.
5. Robert Baker Girdlestone, *Synonyms of the Old Testament* (Grand Rapids, Mich., 1897, pág. 214).
6. Edmond Jacob, *Theology of the Old Testament* (Nova Iorque, Harper & Row, 1958), pág. 211.
7. Roland de Vaux, *Ancient Israel*, vol. 2, págs. 345-357.
8. *Idem*, vol. 2, pág. 384.
9. Augusto Alegro, "La mujer en camino de realizar-se", *Revista Bíblica* 38:159 (1976), págs. 3-13. Citação da pág. 6.
10. Roland de Vaux, *Ancient Israel*, vol. 2, pág. 384.
11. Adam Clarke, *The Holy Bible with a Commentary and Critical Notes* (Nova Iorque, Abingdon Cokesbury Press, sine data), vol. 1, pág. 485.
12. Herman W. Beyer, "Diakoneo, diakonia, diakonos", *TDNT*, vol. 2, págs. 81-93. Citação das págs. 90 e 93.
13. Edmond Jacob, *Theology of the Old Testament*, pág. 240.
14. Ellen G. White, *Educação* (Casa Publicadora Brasileira, 1977) págs. 45 e 46.
15. H. W. Beyer, art. cit., *TDNT*, vol. 2, págs. 90 e 92.
16. Maria Bertetch, "Las mujeres en la vida y los escritos de San Pablo", *Revista Bíblica* 38:159 (1976), págs. 15-48. Citação da pág. 20.
17. Joseph Henry Thayer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament* (Nova Iorque, American Book Company, 1889), pág. 549.
18. Ellen G. White, "Why the Lord Waits", *Review and Herald* 73:20 (21 de julho de 1896), pág. 449.
19. Thayer, *Lexicon*, pág. 603.
20. M. Bertetch, art. cit. *RB*, pág. 19.
21. E. G. White, *Atos dos Apóstolos* (Casa Publicadora Brasileira, 1976), pág. 355.
22. *Idem*, pág. 243.
23. *Idem*, pág. 269; At. 18:18 e 19.
24. Thayer, *Lexicon*, pág. 355.
25. M. Bertetch, art. cit., *RB*, pág. 21.
26. J. B. Lighfoot, *St. Paul Epistle to the Philippians* (Grand Rapids, Mich., 1913), pág. 158.
27. E. G. White, *Evangélio* (Casa Publicadora Brasileira, 1978), pág. 469.
28. *Idem*, pág. 491.
29. *Ibidem*.
30. *Idem*, pág. 467.
31. *Ibidem*.
32. *Idem*, pág. 491: "Ela pode visitar os lares do povo e ajudar às senhoras nessas famílias por uma maneira que não é possível ao marido."
33. *Idem*, págs. 470 e 471.
34. *Idem*, pág. 373.
35. *Idem*, págs. 460 e 461.
36. *Idem*, págs. 459 e 460.
37. *Idem*, pág. 473.
38. *Idem*, pág. 472.

A MEDICINA NA ANTIGA BABILÔNIA

DR. S. J. SCHWANTES

Diretor do Seminaire Adventiste, na França.



Descobertos arquivos com milhares de tabletes de argila com inscrições de medicina.

O Prof. Leo Oppenheim, da Universidade de Chicago, em seu livro *A Mesopotâmia Antiga*, dedica um interessante capítulo à medicina como era praticada na antiga Babilônia. Um tal capítulo não poderia ser escrito antes das escavações arqueológicas levadas a efeito em diferentes pontos da Mesopotâmia no último século. Impelidos pela curiosidade de melhor conhecer o berço da civilização, dezenas de investigadores patrocinados por museus e universidades da Europa e dos Estados Unidos trabalharam nas ruínas de Nínive, de Babilônia, de Nipur, de Ur, para só mencionar algumas das cidades mais importantes. Estas escavações cada vez mais meticulosas trouxeram à luz cidades e cemitérios, templos e palácios dos vários povos que se sucederam no palco histórico da Mesopotâmia.

De igual interesse foi a descoberta em arquivos públicos e particulares de milhares de tabletes de argila cobertos de inscrições, que forneciam toda espécie de informações não só sobre o comércio, práticas religiosas, a vida de todos os dias, conquistas militares, correspondência entre vários soberanos, mas também sobre a medicina. Fora os poucos textos estritamente médicos que consistem de coleções de prescrições, é preciso colher fragmentos de in-

formações em cartas, nos códigos de lei, como o código de Hamurabi, e nos textos literários de diferentes épocas.

Os textos médicos de natureza "científica", se assim podem ser chamados, apresentam-se na forma de prognósticos, e são arranjados em coleções. Cada série começa em coleções. Cada série começa, em geral, pela fórmula: "Se um homem sofre de uma dor na cabeça (ou outra parte do corpo)..." A enumeração dos sintomas é bastante detalhada e é seguida por instruções quanto ao tratamento: preparação, tempo a ser observado, aplicação, etc. Normalmente a instrução termina com a garantia: "O paciente se restabelecerá...", mas ocasionalmente o médico é advertido de que o paciente não sobreviverá à enfermidade.

Certos textos datam de meados do segundo milênio antes de Cristo, e foram encontrados em Hatusa, a capital do império hitita, onde escribas fizeram cópias dos textos originais babilônicos. Outros documentos foram encontrados em Assur e Nínive, e datam de 1000 a 612 A.C., quando o império assírio chegou a seu fim. É evidente ao investigador que todos os documentos, não importa a data, refletem a prática médica e o estado de conhecimento médico no tempo da antiga Babilônia, a única época verdadeiramente criativa neste domínio. As gerações seguintes se contentaram em preservar a tradição, quando não introduziram, o que é pior, noções supersticiosas que degradam a medicina ao nível da magia ou feitiçaria.

A título de comparação, pode-se dizer que a medicina na Mesopotâmia não ultrapassou jamais o estado da medicina popular corrente na Europa na Idade Média, por exemplo. Os medicamentos consistiam sobretudo de ervas nativas de toda espécie, de produtos animais tais como gordura, sebo, sangue, leite, osso, e um pequeno número de substâncias minerais. As ervas — raízes, hastes, folhas, frutos, segundo o caso — eram empregadas secas ou frescas, pulverizadas, molhadas ou fervidas. Eram misturadas com cerveja, vinagre, mel e sebo, como excipiente, substância neutra que leva o princípio ativo. Certos medicamentos deviam ser engolidos, ou aplicados sobre o corpo como loções ou pomadas. Como se pode imaginar, algumas ervas eram empregadas como laxativos, diuréticos ou expectorantes. Às vezes o emprego mos-

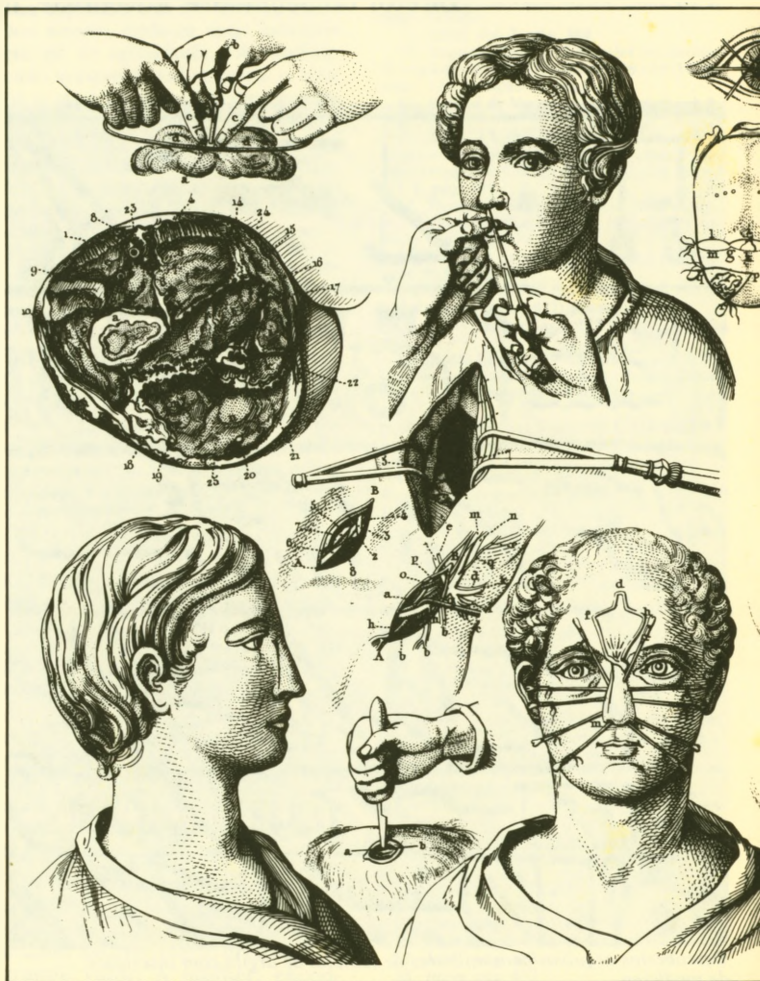
Os textos médicos de natureza "científica", se assim podem ser chamados, apresentam-se na forma de prognósticos, e são arranjados em coleções.

tra que as qualidades e os efeitos destas ervas eram bem conhecidos. Em outros casos a superstição desempenhava um papel importante.

Instrumentos médicos são raramente mencionados nestes textos. Pode-se ler no entanto de espátulas e tubos, bem como de bis-

turi, que é chamado "faca de barbeiro". É interessante notar que em muitas culturas a profissão médica era exercida por barbeiros, sem nenhuma instrução preliminar. O bisturi era usado para escarificar a pele com o fim de provocar uma sangria. Sua finalidade seria semelhante ao emprego de ventosas e sanguessugas por médicos de uma época não muito distante da nossa.

Considerando a natureza elementar destes conhecimentos médicos, não é de admirar que não se recorresse à cirurgia, salvo em situações extremas. Práticas mágico-médicas, tais como a extração de dentes ou a trepanação, não são atestadas em Babilônia. Mas a trepanação era praticada na Palestina antiga, como atestam crânios encontrados por J. L. Starkey numa fossa nas ruínas de Lakis, bem como entre os Incas do Peru. Os numerosos exemplos da trepanação consta-



dos aqui e acolá se explicam pelo uso da maça nos combates com o resultado de muitos combatentes tombarem com crânios fraturados. Era preciso fazer algo para salvá-los da morte certa, e o remédio heróico era a trepanação. A prova de que alguns feridos sobreviviam a esta operação delicada, é que a janela retangular aberta no crânio com o auxílio de uma serra, mostra, em vários casos, sinais de cicatrização. Se os ângulos da janela são ainda nítidos nos crânios operados, é sinal de que o paciente deve ter morrido logo depois da trepanação.

Não é verdade, afirma o Dr. Leo Oppenheim, que se praticavam operações de catarata em Babilônia. A referência à intervenção no globo ocular feita no Código de Hamurabi deve ser compreendida como uma simples escarnificação com o fim de aliviar alguma enfermidade dos olhos. Exigia muita coragem ser cirurgião

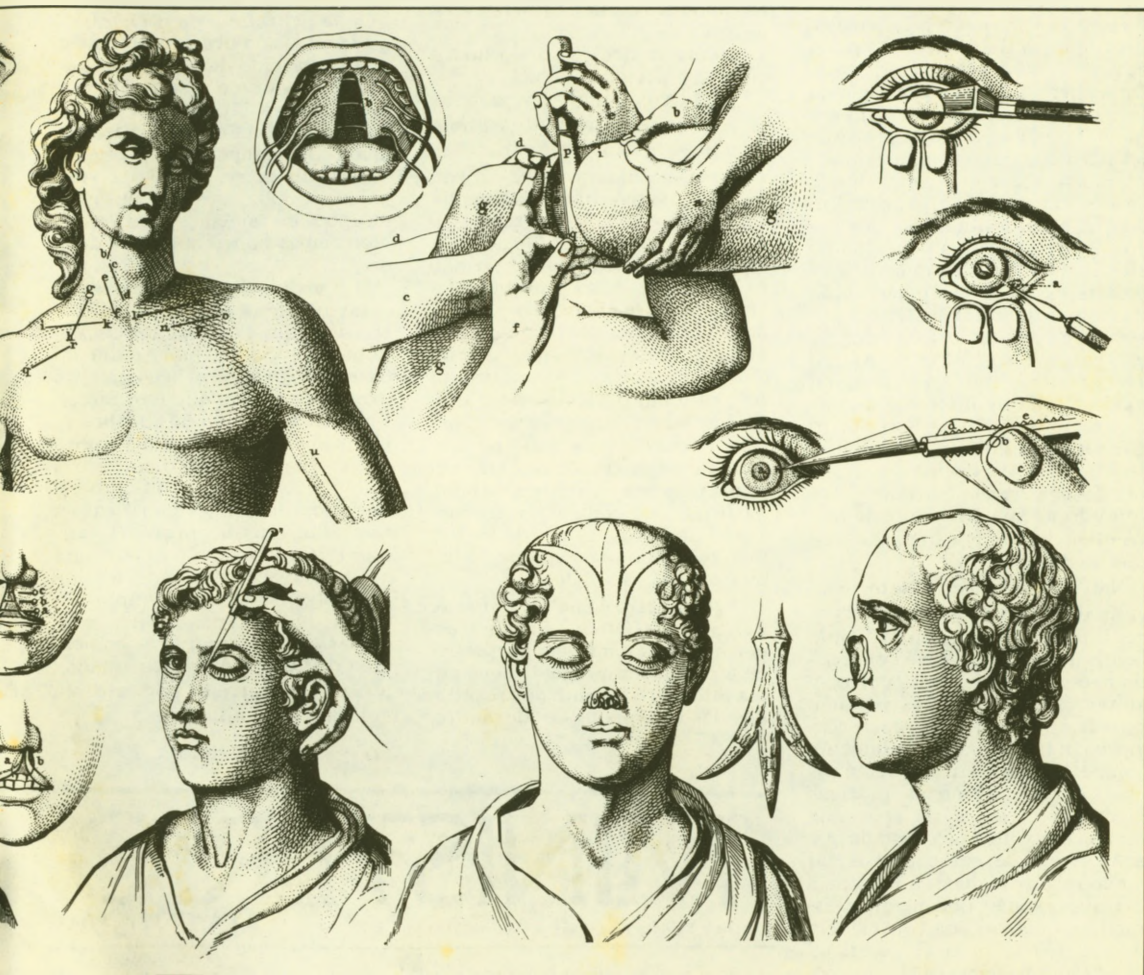
**Considerando-se
a natureza
elementar dos
conhecimentos
médicos, não é de
admirar que não se
recorresse
à cirurgia, salvo
em situações
extremas.**

no tempo de Hamurabi (1728-1686 A. C.), pois o célebre código que leva seu nome prescreve que o cirurgião que provocasse a perda do olho de um membro da aristocracia teria sua mão amputada.

O que é lamentável é que a medicina na Mesopotâmia permane-

ceu no mesmo baixo nível de desenvolvimento através dos séculos. Pode-se mesmo dizer que ela se degradou progressivamente pela contaminação de certos conhecimentos médicos válidos adquiridos pelos antigos com noções supersticiosas. A medicina degenerou-se em feitiçaria com grave prejuízo para todos. O historiador grego Heródoto, que visitou Babilônia cerca de 450 A. C., consigna que os babilônios tinham o hábito de trazer seus doentes ao mercado a fim de perguntar aos transeuntes que remédios poderiam sugerir. Se bem que esta observação de Heródoto tenha sido contestada pelos assiriólogos, é indiscutível que o visitante grego não mostra a mesma admiração pela medicina e os médicos de Babilônia que ele mostra pelos do Egito.

O alto prestígio que Heródoto atribui à medicina praticada no Egito é justificada pela excelente



qualidade das observações médicas contidas no papiro Edwin Smith, que data do Antigo Império, ou pelo grau de especialização na prática médica que Heródoto tanto admirou, ou pela rica farmacopéia de que fala o autor da *Odisseia* (IV, 229, 231). Infelizmente, o estudante imparcial deve pronunciar o mesmo juízo sobre a medicina egípcia que sobre a babilônica. Começando num nível admirável em que as observações e prescrições médicas são feitas com bastante objetividade e lucidez, esta medicina se degenerou irremediavelmente pelo efeito deletério da magia e da feitiçaria. O conceito expresso pelos egiptólogos alemães Ermann e Ranke com respeito à religião egípcia se aplica igualmente à medicina. Ambas sofreram a ação devastadora da magia que reduziu uma e outra a superstições grosseiras.

De outro lado, a opinião do Prof. Leo Oppenheim quanto à causa do prestígio da medicina no Egito antigo e seu relativo desprestígio em Babilônia, não parece resistir a um exame cuidadoso. Oppenheim atribui o prestígio ao fato de que os egípcios criam numa vida eterna, e esta crença os levava a combater a enfermidade e a morte pela competência médica elevada ao mais alto grau. Em contraste, o desinteresse dos povos da Mesopotâmia pela vida no além os inclinaria também a se desinteressarem pela preservação da vida presente. O ilustre professor chega a dizer que a resignação em face da morte no Antigo Testamento explicaria de igual modo a falta de interesse na medicina em Israel. É neste contexto que Oppenheim cita II Crônicas 16:12: "Caiu Asa doente dos pés; a sua doença era em extremo grave contudo na sua enfermidade não recorreu ao Senhor, mas confiou nos médicos."

Não se pode, entretanto, concluir deste verso que os escritores bíblicos fossem, em princípio hostis à medicina. Asa é condenado não necessariamente por consultar os médicos, mas por não buscar ao Senhor. A crença religiosa em Israel era perfeitamente compatível com o uso de recursos médicos. A aversão às práticas médicas correntes na época do rei Asa se explica pelo fato de que a medicina de então era de tal modo misturada com a feitiçaria e a superstição que nenhum israelita podia em boa consciência buscar seu socorro. O "médico" de então não passava de um cu-

O apóstolo Paulo, cuja cidade natal foi Tarso, e que passou anos em Antioquia, a cidade mais culta do Oriente Próximo, tinha os médicos em alto preço.

randeiro, ou encantador, como é o caso ainda hoje em muitas culturas primitivas.

É natural que quando seis ou sete séculos mais tarde a medicina se tinha desembaraçado da magia e havia atingido um nível mais "científico", com as devidas reservas, os israelitas podiam considerá-la com mais respeito. É esta situação que se reflete no livro apócrifo de Ben Sirach, escrito cerca de 200 A. C.:

"Honra o médico com a honra que lhe é devida...

"pois Deus também o criou;

"pois a cura vem do Altíssimo."

(Ben Sirach, cap. 38:2 e 4)

O uso da palavra *rophé*, "médico", é raro no Antigo Testamento. Encontra-se uma só vez no singular em Jeremias 8:22: "Acaso não há bálsamo em Gileade? ou não há lá médico"? No plural a palavra é encontrada em Gênesis 50:2 duas vezes, onde parece ser sinônimo de "embalsamador". Uma outra referência se encontra em Jó 13:4, onde Jó acusa seus amigos de serem "médicos que não valem nada", pois não lhe traziam nenhum conforto. Este verso pressupõe a existência de bons médicos, que contrastavam com a qualidade dos amigos de Jó. Em todo o caso, o país em que Jó habitava não era a Palestina.

O que é certo é que no tempo de Ben Sirach o Oriente Próximo experimentava a influência esclarecida da cultura grega. O novo clima intelectual foi um dos resultados das conquistas de Alexandre,

o Grande (366-323), cujo sonho fora amalgamar o Oriente e o Ocidente numa forma superior de civilização. Um dos gestos mais duradouros do jovem conquistador foi a fundação da cidade de Alexandria no Egito, que suplantou dentro em pouco Atenas como o maior centro cultural da época. Em Alexandria o impulso científico de Hipócrates, o pai da medicina, e de Aristóteles, o fundador da história natural, haveria de conhecer sua mais bela floração. Uma verdadeira plêiade de sábios como Eratóstenes e Arquimedes conferiu ao centro de estudos que era o museu de Alexandria uma glória imperecível.

Convenha-se que noções médicas mais objetivas, no estilo dos aforismos de Hipócrates, tornaram-se pouco a pouco o patrimônio de muitos homens cultos que exerciam a profissão médica. A Palestina, que ocupava uma posição chave entre o Egito e a Síria (dois focos da cultura grega), não podia deixar de ser beneficiada pelo clima mais científico que prevalecia neste mundo helenístico nascido das conquistas de Alexandre. Como resultado, o sábio Ben Sirach deve ter conhecido na Palestina de seus dias, médicos cuja competência profissional impunha respeito. Daí suas palavras elogiosas impensáveis na época do rei Asa: "Honra o médico com a honra que lhe é devida..."

O apóstolo Paulo, cuja cidade natal foi Tarso, um centro universitário, e que passou anos em Antioquia, a cidade mais culta do Oriente Próximo em seus dias, do mesmo modo em que Ben Sirach tinha os médicos em alto preço, ele que afirmara, sob a inspiração divina, que nosso corpo é o "santuário do Espírito Santo", e que nos incumbe glorificar a Deus "no vosso corpo" (I Cor. 6:19 e 20), sabia quão importante é a preservação da saúde. É compreensível, pois, que o apóstolo Paulo, que em suas viagens missionárias desfrutara a companhia de Lucas "o médico amado" (Col. 4:14), nutrisse por este seu colega a mais alta estima. ■■

MINISTÉRIO

Uma Revista para Pastores e Obreiros

ADVENTISTA

SET/OUT 82



NUMERO 5